

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE – Curso
de Psicologia

INGRID MARQUARDT DE ARAÚJO

COMPULSÃO ALIMENTAR: PARA ALÉM DO PRINCÍPIO DE
PRAZER DE FREUD AO GOZO DE LACAN
Uma reflexão sobre a manifestação do gozo no feminino através
do estudo da compulsão alimentar

SÃO PAULO
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE – Curso
de Psicologia

INGRID MARQUARDT DE ARAÚJO

COMPULSÃO ALIMENTAR: PARA ALÉM DO PRINCÍPIO DE
PRAZER DE FREUD AO GOZO DE LACAN
Uma reflexão sobre a manifestação do gozo no feminino através
do estudo da compulsão alimentar

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para
graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Raul
Pacheco Filho

SÃO PAULO

2009

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Método.....	14
3. Capítulo 1. Complexo de Édipo e a formação de sujeito.....	15
1.1 Estádio do Espelho.....	15
1.2 Complexo de Édipo.....	22
1.3 Complexo de Castração.....	30
1.4 Nome-do-Pai.....	33
4. Capítulo 2. Pulsão: O caminho para o desejo e a busca. O que busca quem repete.....	41
5. Capítulo 3. “ A lei do sujeito é a lei da linguagem.” E o que fugiu a linguagem - Compulsão Alimentar e Gozo.....	62
6. Capítulo 4. O inominável feminino.....	72
7. Considerações Finais.....	81
8. Referências.....	86

Agradecimentos

Aos meus pais por me mostrarem todos os dias a importância de uma base familiar, por ajudarem nas minhas angústias, entenderem, compreenderem e compartilharem cada momento, me mostrando a importância de saber usar meus recursos com sabedoria e prudência. Por sempre estarem presentes, compartilharem comigo cada percurso difícil, cada vitória conquistada. Por me ensinarem que os bons frutos são produto de muito trabalho e dedicação. Enfim, por serem o modelo de pais e de pessoas que nunca me deixaram faltar a segurança de saber que cada decisão foi apoiada e que sempre tive neles a minha torcida. Esse trabalho com certeza é para vocês, pois nenhuma linha seria possível sem vocês.

Ao meu terapeuta que abraçou a minha idéia, entendeu o objetivo deste trabalho, acolheu minhas dúvidas, ouviu minhas angústias e trouxe a tona todo o sentido que permeou essa produção, que com o tempo deixou de ser um trabalho de conclusão de curso, para se tornar fruto de uma vida não mais estudantil, mas profissional.

À minha amiga Patrícia por me ouvir, me acolher, me divertir e contribuir sempre com questionamentos que me faziam repensar a diretriz de cada afirmação e argumento, por contestar minhas certezas visando sempre o meu crescimento e desenvolvimento não somente como profissional, mas como pessoa. Por ser a pessoa mais distante, porém mais presente.

À minha amiga Renata que dividiu comigo os momentos de exaustão, ouviu toda nova descoberta teórica deste trabalho, manteve-se presente até o último minuto do prazo de entrega, me apoiando, se disponibilizando para ler e opinar e principalmente oferecendo um espaço de compreensão e acolhimento com um jeitinho todo particular de ser, para não dizer fofo!

À minha amiga Camila que sempre me ouviu, conversou sobre este trabalho, me deu colo, incentivou cada etapa, dividiu comigo cada momento difícil e vibrou com

cada capítulo que era realizado, ficou na torcida pela concretização e acreditou que seria possível. Para além deste estudo, por ter sido uma pessoa sempre presente, desde o momento em que a conheci, da forma mais leve que já conheci. Aprendi muito com você!

Ao meu amigo Gustavo que entendeu minhas ausências acolheu minhas dúvidas e abriu nossos “ cafés” como espaço de troca de conhecimentos e contribuiu em vários momentos com uma visão que me possibilitou olhar para estas questões de uma forma diferente. Obrigada por enriquecer minhas idéias e me oferecer outros pontos de vista!

Às professoras Mônica, Dinha e Denize que possibilitaram meu primeiro contato com uma pesquisa em todas as suas etapas e estimularam ao longo de minha formação a curiosidade e a vontade de pesquisar. Por me ensinarem o valor de uma produção feita a doze mãos e a importância deste tipo de contato com pessoas que têm tanto para ensinar e compartilhar.

Às professoras Márcia e Fernanda por terem orientado este projeto quando ele ainda era apenas uma idéia e me auxiliarem a transformar a vontade de realizar este estudo em uma realidade.

Ao professor Raul por cada supervisão, pelo aprendizado e auxílio nas diretrizes que este trabalho seguiu. Por ouvir e me ajudar a elaborar os objetivos por trás deste estudo, por evitar que os lapsos conceituais pudessem confundir tanto a mim quanto a ele. Por me trazer para a realidade da impossibilidade de abraçar todos os conceitos lacanianos e manter meus pés no chão quando diante da curiosidade pelo assunto várias outras possibilidades foram se abrindo. Por apoiar minhas descobertas e estimular o entendimento de uma produção tão complexa e rica quanto a do autor que situei meus questionamentos.

Araújo, I. M. *Compulsão alimentar: Para além do princípio do prazer de Freud ao gozo de Lacan: Uma reflexão sobre a manifestação de gozo no feminino através do estudo da compulsão alimentar*, 2009. 89p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso)

Resumo

O feminino na psicanálise sempre foi alvo de muitos questionamentos. Existiram muitos esforços para entender as especificidades relacionadas ao feminino. Paralelamente a estes estudos, houve um crescente aumento nos casos de compulsão alimentar, com grande número de manifestações em mulheres. Assim, este estudo relaciona teoricamente a questão do feminino trabalhada por Lacan com a compulsão alimentar, uma manifestação contemporânea que apresenta-se através do comer excessivo. Para possibilitar esta relação propõe a retomada dos conceitos que permeiam a constituição de sujeito para obter instrumentos que auxiliem na compreensão da organização do desejo em oposição ao gozo. Nesta oposição investiga o gozo possível aos sujeitos com sexuação feminina contextualizando a compulsão alimentar dentre as possibilidades estruturais femininas. Assim, diante da impossibilidade de possuir um significante que determine a mulher, esta pode se fixar em um gozo fálico em busca de ter algo que signifique sua relação com o falo na ausência da possibilidade de se valer das insígnias fálicas para direcionar seu contato com a sexualidade.

Palavras-Chave: compulsão alimentar, feminino, complexo de Édipo, desejo e gozo

Introdução

Este trabalho irá abordar o conceito da compulsão alimentar a partir de uma visão psicanalítica, porém por se tratar de um termo contemporâneo, tendo sua definição ainda difusa com características incertas, considerarei inicialmente a produção médica que abarca uma possível definição para este fenômeno para em seguida pensá-lo relacionando-o a conceitos da produção lacaniana.

As características apontadas sobre a compulsão alimentar inicialmente dizem respeito à visão organicista advinda da ciência positivista que busca uma verdade que possa responder aos anseios do enquadramento patológico de comportamentos humanos que geram algum tipo de sofrimento a estes. Porém este homem da ciência positivista jamais pode ser convertido a mesma visão de sujeito da psicanálise, assim os dados a seguir visam contextualizar o leitor a cerca deste fenômeno sem equivaler estas duas produções, o que seria algo impossível, já que a base diagnóstica, DSM-IV, propõe-se a contemplar todas as abordagens sem atentar para as especificidades da psicanálise.

Contexto histórico e diagnóstico

Segundo Azevedo (2004), a primeira descrição que contextualiza as características que definem a compulsão alimentar periódica, como é chamada na literatura médica, é datada de 1950, sendo que a inserção diagnóstica no DSM IV ocorreu em 1994 em um apêndice.

Delimitando as seguintes implicações para que se chegue ao diagnóstico desta manifestação:

- A) Episódios recorrentes de compulsão alimentar, que apresentam duas características:

- 1) Ingestão em curto período de tempo (mias ou menos duas horas), de uma quantidade de comida nitidamente maior do que a maioria das pessoas pode consumir em um período semelhante e em circunstâncias idênticas.
 - 2) Sensação de perda de controle sobre a ingestão durante o episódio (Sentimento de que não pode parar de comer ou controlar o que ou quanto está comendo)
- B) Os episódios de ingestão compulsiva estão associados com três (ou mais) dos seguintes sintomas:
- 1) Comer muito mais rápido do que o habitual
 - 2) Comer até se sentir inconfortavelmente cheio
 - 3) Comer grandes quantidades de comida apesar de não sentir fome
 - 4) Comer sozinho para esconder sua voracidade
 - 5) Sentir-se desgostoso consigo próprio, deprimido ou muito culpabilizado depois da ingestão compulsiva.
- C) Profundo mal-estar em relação às ingestões compulsivas.
- D) As ingestões compulsivas ocorrem em média dois dias por semana durante seus meses.
- E) A ingestão compulsiva não se associa as estratégias compensatórias inadequadas (por exemplo, purgantes, jejum, exercício físico excessivo) e não ocorre exclusivamente durante o decurso de anorexia ou bulimia nervosa.

Os itens considerados acima como caracterizadores desta manifestação alimentar distinguem-se dos transtornos alimentares como: bulimia e anorexia, por possuir um diferencial diagnóstico. Em primeiro lugar não existe a utilização de estratégias compensatórias, no segundo caso não existe restrição alimentar, o que constitui um terceiro grupo.

Pensando na Compulsão Alimentar como: ingestão de grande quantidade de alimentos em um período de tempo delimitado, acompanhado da sensação de perda de controle sobre o quê ou o quanto se come. Para caracterizar o diagnóstico, esses episódios devem ocorrer pelo menos dois dias por semana nos últimos seis meses,

associados a algumas características de perda de controle e não acompanhados de comportamentos compensatórios dirigidos para a perda de peso, em alguns momentos terei que focar este tema como precursor da obesidade, mas irei contemplar a manifestação alimentar sem pensá-la em suas implicações em longo prazo, por considerar que a obesidade é a manifestação temporal da longa vivência com a manifestação da compulsão.

A importância do tema se dá pela prevalência deste transtorno na população, sendo um problema grave de saúde que implica no comprometimento de outras funções no decorrer do tempo.

Estima-se a prevalência em TCAP numa dimensão variada, em parte devido à variação das definições de compulsão. Estimativas recentes de prevalência do TCAP na população americana indicam que 2% a 3% dos adultos em amostras comunitárias são portadoras do comer compulsivo. Entre os pacientes obesos que procuram tratamento clínico para perda de peso, os índices de prevalência variam de 5% a 30%. No Brasil, Appolinário (1995), Coutinho (2000) e Borges (1998), encontraram uma prevalência entre 15% e 22% em pacientes que procuravam tratamento para emagrecer. Entre os pacientes que realizaram a cirurgia bariátrica, esta prevalência pode variar de 27% a 47% (Waldden, 2001; Smith, 1998). Aproximadamente 20% das pessoas que se identificam como possuidoras de compulsão alimentar possuem diagnóstico de TCAP (Stunkard, 2003; Napolitano, 2001).

Componentes Psicológicos

Os componentes psicológicos deste transtorno, como por exemplo, sentimentos de angústia, incluindo vergonha, nojo e/ou culpa fazem deste assunto alvo deste estudo. Além disto, o estresse é um fator que pode levar ao aumento das compulsões alimentares. Durante situações estressantes, o cortisol é liberado estimulando a ingestão de alimentos e o aumento do peso, porém busco estabelecer relações entre conceitos psicológicos que possam se manifestar através deste sintoma sem me ater à visão orgânica.

As produções psicológicas que abordam transtornos alimentares tratam, em sua grande maioria, de bulimia e anorexia, manifestações conhecidas há mais tempo pelos profissionais da saúde, apenas alguns autores estabelecem a relação a que se propõe este estudo. Para tanto, discorrerei sobre conceitos psicanalíticos que comportem a relação com esta manifestação, tida como orgânica, através de uma visão psicanalítica.

Enquadramento psicanalítico

Inicialmente é necessário pensar nesta manifestação como um sintoma, representado por um sentido inconsciente que se amarra ao corpo através do circuito pulsional. Nominé (1996) descreve que este corpo é anteriormente constituído pela linguagem, porém os sintomas não representariam apenas um conflito inconsciente que faz ouvir através desta manifestação, mas uma maneira de amarrar o real de seu gozo ao corpo imaginário.

A partir desta nova visão de sujeito, dividido em três instâncias: real, imaginário e simbólico, Lacan propõe que o sintoma não se trata de um conteúdo proveniente do recalque originário que busca se manifestar, sem uma elaboração consciente, pela via do corpo. Porém este sintoma pode ser proveniente do real que não pode passar pela operação simbólica do sujeito, não obtendo um significante, mas se amarrando ao corpo pela via da pulsão como manifestação do real e como maneira de gozar.

Ao inserir o conceito de real e de gozo, Lacan se afasta da visão freudiana de que a pulsão estaria a serviço da homeostase psíquica, mantendo assim a constante de excitação das vias de prazer e desprazer. Ela estaria assim a serviço da operação simbólica que contorna o real perdido com a entrada do sujeito na linguagem.

Esta entrada se dá através da alienação do sujeito à linguagem, porém esta só é possível após a alienação primordial da criança ao Outro, que inicialmente investe pulsionalmente em seu corpo e lhe dá o acesso a rede de significantes. Isto

ocorre antes mesmo do nascimento do corpo biológico, a criança ao nascer já possui um lugar determinado na constituição familiar, bem como significantes atribuídos a este lugar em que será inserido o “Eu”.

A influência do Outro na constituição da criança enquanto sujeito se evidencia no Estádio do Espelho e nos tempos lógicos descritos por Lacan. O autor ilustra, no primeiro, a formação da unidade corporal que anteriormente é descrita por Freud como perverso-polimorfa. No desenvolvimento deste novo conceito expõe que a criança se forma através deste olhar do Outro e de sua atribuição de significantes sobre o que vê, assim, o primeiro contato que tem com sua imagem é através do que o Outro vê quando a olha.

Além de contribuir para o entendimento da unidade corporal, tal conceito proporciona a diferenciação entre corpo biológico e corpo imaginário. Considerando que o corpo biológico sofre e a inscrição da linguagem em sua constituição este se perde enquanto formação orgânica, partindo do conceito de linguagem para Lacan como morte da coisa, ao passar pela operação simbólica a coisa real se perde e não se encontra mais acessível ao sujeito esta vem a ser representada pela via do significante que em um momento a referiu.

Por isto ao falar de Compulsão alimentar, ato de comer excessivo, estamos falando da ingestão de alimento por um corpo imaginário, longe de se esvair ao ato empírico da atividade de saciar a fome fisiológica. Ao entrar na linguagem, este processo não se trata mais de comer para saciar a fome biológica e manter o organismo vivo.

Esta passagem da necessidade para algo além da necessidade também se dá através da intervenção do Outro na constituição do sujeito. No começo a criança chora ou solicita a presença da mãe por um motivo que esta desconhece, mas ao responder a esta solicitação de uma forma específica agrega um sentido a necessidade, transformando a necessidade em demanda.

Esta transformação é o que posteriormente possibilita o contato do sujeito com seu desejo, porém isto se dá através da intervenção da metáfora paterna na relação da criança com o Outro. Neste momento Lacan faz a ressalva de não se tratar de uma relação dual, mas uma relação marcada pela primazia fálica.

A importância dada ao falo na obra lacaniana sofre distinções da maneira como Freud o abordou em sua produção. Em sua releitura colocou o falo como significante da falta, tanto no homem quanto na mulher, não se tratando da dicotomia de ter ou não ter como alvo da distinção dos sexos.

Este novo olhar para este conceito impacta sobre a definição de Complexo de Édipo, ao colocá-lo como tempos em que o falo circula na estrutura do sujeito chegando, ao final, ao seu lugar devido como significante que marca a falta.

A influência de Saussure e Levi Strauss na produção de Lacan dá um novo toque a psicanálise pós freudiana que se afasta de uma visão biológica se aproximando de uma abordagem estrutural com base no estudo da linguagem. A linguagem é transmitida à criança através de seu contato com o Outro que lhe dá acesso aos significantes, porém com a introdução da função paterna existe a instauração da Lei, que se manifesta da proibição do incesto e substituição do Desejo da Mãe pelo Nome-do-Pai. Esta lei é responsável por fazer barreira ao gozo, tornando acessível apenas o gozo fálico, o gozo possível aos sujeitos da linguagem, direcionado para fora do corpo.

Ao desenvolver o conceito de feminino Lacan acrescenta a possibilidade estrutural de mulheres, sujeito com sexualização feminina não determinadas pelo corpo biológico, acessar um outro gozo que não o fálico. Esta possibilidade estrutural se coloca em relação ao posicionamento do feminino frente à castração, ao falo, não existindo uma mulher que não esteja pelo menos em parte submetida a castração, por este motivo não existe A mulher, equivalente ao Pai da Horda freudiano, aquela que não está submetida à castração e que por este motivo colocaria limite ao feminino contraponto com o que somente é possível a ela e a nenhuma outra

mulher. Por não existir um significante que determine a mulher, a menina que inicialmente recorre a mãe reivindicando um significante e com a introdução da função paterna apela ao pai, vê-se obrigada a retornar sua solicitação a mãe, que por não estar na posição de mulher e não deter o significante a determine marca sua impotência de definir o que quer uma mulher, o que significa ser uma mulher. Assim esta lança-se em sua relação fálica como aquela que pode ser o falo, ao ser eleita como sintoma do homem, enquanto este se apresenta como o que têm o falo. Porém, esta afirmação não se relaciona a presença de um genital, mas ao seu posicionamento frente ao gozo, frente ao falo.

Isto posto, a pergunta que permeia este trabalho refere-se ao lugar onde estaria inserido a compulsão alimentar dentro da constituição do feminino, traçando este percurso no âmbito teórico através de hipóteses e apontamentos teóricos que desvelem a relação da mulher com seu feminino, com base em sua constituição e manifestação sintomática do comer excessivo.

Assim, busco estabelecer uma relação entre o sujeito feminino e seu gozo, através da compulsão alimentar. Para tal, será percorrido o trajeto de desenvolvimento da criança alienada ao Outro até o sujeito alienado à linguagem, delimitando a compulsão alimentar enquanto manifestação de gozo considerando o alimento para além da saciedade da fome, mas sua relação com o objeto a. Será dado enfoque ao feminino com o intuito de relacionar a compulsão alimentar ao desenvolvimento do feminino, bem como à sexualidade.

Inicialmente os três tempos do Édipo serão abordados para desenvolver a constituição de sujeito a partir dos conceitos lacanianos que envolvem sua relação com o Outro.

Atentando para esta relação em particular, pois é através desta que se dará a formação da unidade corporal e será transformada a relação da criança com o Outro de necessidade para demanda, quando transforma-se instinto em pulsão.

Esta transformação não é a única a ocorrer, sendo na verdade o Édipo o momento de maior modificação, outra que marcará este estudo é a passagem para a linguagem em que algo se perde, sendo a busca por preencher este espaço o que acompanhará o indivíduo pelo resto de sua existência psíquica.

A pulsão vem por estabelecer o momento em que o sujeito, no Édipo, pára de buscar algo meramente biológico para ir além do que se apresenta, buscando o que internalizou deste contato com o real.

A forma como começa a criar em cima do que se apresenta e significar este mundo se dá no Édipo, porém este estudo irá se ater a busca, o ato de tentar preencher o que foi perdido, caracterizando pulsão e desejo.

Através da delimitação conceitual será possível chegar a hipóteses do que encontra-se por detrás da repetição do indivíduo, repetindo a mesma via por diversas vezes, já conhecendo a frustração desta forma de busca.

Pensando na repetição como busca de algo perdido, que se perde do desejo e não pode ser explicado através da linguagem, propõe-se a relação entre esta e o conceito de gozo como algo que é inominável e que causa prazer com dor. Particularmente, quando se trata da compulsão alimentar, algo socialmente inaceitável e punido e que mesmo individualmente causa desconforto e culpa. Torna-se difícil falar de um sujeito fora do contexto cultural quando fala-se da obra lacaniana, então pensar em um ato que gera o desconforto e punição social oriunda de um sujeito que se submete a lei e se aliena à linguagem é olhar para uma manifestação que possivelmente não esteja voltada para o caminho de desejo

A repetição relacionada a oralidade será explicada para tentar criar um elo entre esta e gozo, porém antes disso é necessário que seja feita uma descrição de ambos os conceitos, sem entender a oralidade como ligada ao auto-erotismo da fixação à fase oral, mas como parte constitutiva do contato da criança com o Outro, logo atrelada aos significantes desta relação marcada pela presença fálica.

Pela grande porcentagem de mulheres que apresentam o quadro diagnóstico, médico, de compulsão alimentar e por se o feminino um conceito diferenciado na psicanálise. A relação entre os dois se dá por suas especificidades.

Estas especificidades serão desenvolvidas para um estudo focado em um sujeito com sexualização feminina, fazendo ressalvas sobre seu desenvolvimento sexual, que possam ser indícios do que busca ou foge ao ingerir uma quantidade excessiva de alimento e que pode estar por trás deste ato.

Após a descrição de compulsão alimentar, gozo e feminino, será possível traçar a interação entre estes conceitos para comprovar ou negar a relação direta entre compulsão alimentar, gozo e feminino.

Método

Este estudo se propõe a ser teórico, fazendo um apanhado dos escritos de Lacan que contemplem a relação da compulsão alimentar com o conceito de gozo e feminino.

Os conceitos de constituição do sujeito, pulsão, demanda, desejo e gozo serão abordados a partir da visão lacaniana, considerando em alguns momentos a produção freudiana. Assim, ao considerar o contexto histórico da produção de Freud para respaldar a obra lacaniana, que partiu desta, irei abordar os temas relacionados ao objetivo sem que exista uma pretensão de equivaler as duas produções.

O caminho para contemplar a obra de Lacan abordará sua obra, bem como alguns autores que escreveram sobre sua produção, dentre eles estão: Brausntein, Elia, Faria, Fink, Garcia-Roza, Miller, Naveau, Nominé, Prates, Pommier e Soler. Tal procedimento visa o melhor entendimento desta obra que trata de conceitos complexos e leitura inicial densa.

Considerando a contemporaneidade do assunto, no que diz respeito à compulsão alimentar sem comportamentos purgativos ou período pré obesidade, mas focando no sintoma representado pelo ato de ingerir uma quantidade excessiva de alimento. Serão utilizados artigos com enfoque psicanalítico, focando em produções que contenham em sua estruturação especificamente a produção lacaniana.

Capítulo 1 – O Complexo de Édipo e a formação do sujeito

Para abordar o Complexo de Édipo na teoria lacaniana é necessário considerar o contexto em que tal teoria foi formulada, sendo introduzido anteriormente um novo conceito: o Estádio do Espelho. Faria descreve da seguinte forma a relevância de considerá-lo ao falar de Édipo:

“O tema do Édipo em Lacan é indissociável de sua teoria sobre o *estádio do espelho*. Isso porque é a partir da alienação fundamental inicial do Outro materno como espelho que o primeiro tempo do Édipo em Lacan pode ser pensado” (FARIA, 2003, p. 47)

1.1 Estádio do Espelho

Considerando a importância colocada pela autora, torna-se necessário antes de introduzir a temática do Édipo situar o sujeito a partir do Estádio do Espelho por ser o determinante para o desenvolvimento do Complexo de Édipo, pois nele se dará a formação de uma unidade corporal, que inicialmente se dá alienada ao Outro. Esta alienação ao Outro materno é o ponto principal que permite existir entrada no Édipo. A formação corporal unificada permite relacionarmos o “pedaço de carne” aos tempos Edípicos, pois anteriormente ela se encontra fusionada ao Outro, descrito na teoria lacaniana como sendo o olhar materno. Lacan descreve o que propõe da seguinte forma:

“(...)o sujeito toma consciência de seu corpo como totalidade. É o que insisto em minha teoria do estágio do espelho – a visão única da forma total do corpo humano dá ao sujeito um controle imaginário de seu corpo, prematuro em relação ao controle real” (LACAN, 1979, P.47)

O Estádio do Espelho caracteriza uma observação além da localização anatômica dos processos psíquicos delimitando ao ponto psíquico onde se forma a imagem, propondo o esquema óptico, adaptando a experiência de Bouasse, buquê invertido, para diferenciar os objetos das imagens subjetivas. Tal construção prepara o sujeito para entrar no plano imaginário.

O esquema propõe que para que a ilusão possa ser produzida é necessário que aquele que olha se posicione em um local específico, posição simbólica onde é inserido desde o nascimento, ilustrando a primazia do simbólico sobre o imaginário.

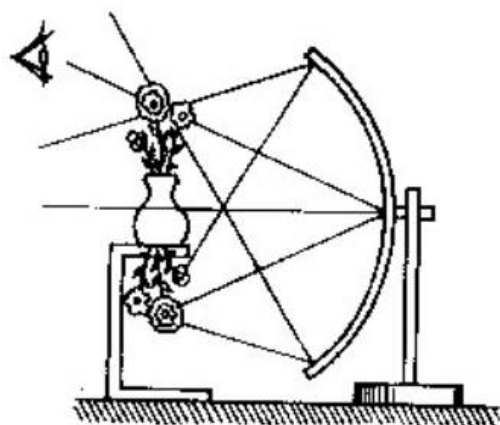


Figura 1 – Experiência de Boausse¹

Lacan inverte a ordem do buquê e do vaso, colocando o primeiro em cima da mesa e o segundo embaixo. Quem olha de frente para o espelho côncavo vê a imagem real, porém ao colocar-se na direção dele um espelho plano precisará completar para ver a imagem virtual. Assim o espelho plano refere-se à ordem simbólica que media a formação da imagem virtual.

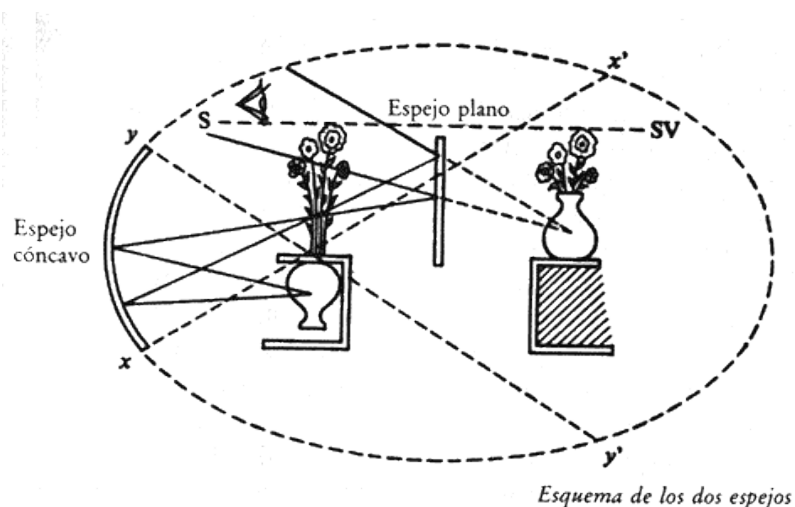


Figura 2 – Esquema óptico dos espelho²

¹ LACAN, 1960, p.680

² LACAN, 1960, p.681

Esta teoria carrega em si uma herança da releitura da obra de Freud proposta por Lacan, pois anteriormente a criança freudiana era vista como sendo perverso-polimorfa, constituindo uma unidade corporal através da unificação das áreas estimuladas, através do auto-erotismo, como colocado por Faria:

“O estágio do espelho corresponderia assim à “ação psíquica”, mencionada por Freud no texto “Sobre o narcisismo”(1914), determinante da passagem do auto-erotismo (no qual as pulsões atuam de forma dispersa, não havendo ainda um eu constituído) ao narcisismo” (FARIA, 2003, p. 47-48)

Somente a passagem pelo Espelho coloca o sujeito no Édipo, sendo condição prévia e participante da constituição do sujeito. Neste momento o Outro apresenta para a criança a matriz simbólica do [EU], pois há um desdobramento do sujeito com a imagem. É a partir desta imagem que aparece o significante daquilo que representa o sujeito, uma vez que antes desse momento não há [EU]. Sobre esta influência do [Eu] da mãe, Lacan faz afirma:

“Vocês viram em que deslocamento se baseia o que chamaremos, nesta ocasião, de identificação primitiva. Ele consiste na troca que faz o [Eu] do sujeito surgir no lugar da mãe como Outro, enquanto o [Eu] da mãe transforma-se no Outro dele.” (LACAN, 1957-1958, p.208-209)

A identificação primitiva descrita nesta passagem diz respeito a forma como a criança tende a se identificar a esta imagem formada através do olhar do Outro como sendo sua imagem real, o primeiro esboço de sua identidade.

O espelho plano, segundo Lacan, equivale ao olhar materno. Refere-se à imagem exteroceptiva, a qual requer um desdobramento (imagem do espelho [espelho plano] e do olhar do Outro). Esse desdobramento se refere ao ser/existir, pois para ser imagem deve-se existir possuindo consistência. Assim:

“A função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade – ou, como costuma dizer, do Innenwelt com o Umwelt” (LACAN, 1949, p.100)

Como dito por Lacan, o Estádio do Espelho dá ao sujeito a ponte de acesso para sua realidade. Nesta via de acesso, a dialética ser/existir tem uma contigüidade que permite que a imagem do eu ser metonímica, o sujeito toma a parte pelo todo. Considerando a Psicanálise implicada com a importância do inconsciente, esta divisão permite a delimitação do sujeito do enunciado (existir – moi) e o da enunciação (ser – je). A imagem metonímica forma uma imagem ortopédica, por ser muito precoce chamá-la de corpo, Lacan comenta que esta imagem é formada por um apanhado de engodo da identificação espacial:

“ (...) o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1949, p. 100)

Este engodo forma-se através da identidade alienante que surge com o consentimento do sujeito em se representar, havendo um luto por se dissociar da totalidade que ele supostamente existia. Portanto, o primeiro tempo da constituição do sujeito é necessariamente o espelho, marcando o ponto de partida de seu desenvolvimento.

No momento em que passa a existir eu e Outro a criança entrada na dialética edípica. Os dois elementos se constituem ao mesmo momento, e anteriormente é um momento de alienação total do sujeito à imagem, já que a criança se desconhece no seu ser, tomando-se como aquela que a mãe diz que ela é. Aqui se forma o eu ideal, que é a imagem ideal fornecida pela mãe. Este é o primeiro narcisismo, que possui pouco da criança e muito da mãe.

A vivência da imagem materna com a realidade determina que o eu é antes e acima de tudo a projeção de uma superfície, não sendo real, mas projetada pela mãe. Com o tempo, a criança vai se “desalienando” das projeções maternas, estas

cumprem o papel de organizar o sujeito e fazer deste elo o encontro com os investimentos materno:

“O estágio do espelho é o encontro do sujeito com aquilo que propriamente uma realidade e, ao mesmo tempo, não o é, ou seja, com uma imagem virtual, que desempenha um papel decisivo numa certa cristalização do sujeito à qual dou o nome de Urbild. Coloco isso em paralelo com a relação que se produz entre a criança e a mãe. Grosso modo, é disso mesmo que se trata. A criança conquista aí o ponto de apoio dessa coisa no limite da realidade, que se apresenta para ela de maneira perceptiva, mas que, por outro lado, podemos chamar de uma imagem no sentido de que a imagem tem a propriedade de ser um sinal cativante que se isola na realidade, que atrai e captura uma certa libido do sujeito, um certo instinto graças ao qual, com efeito, um certo número de referenciais, de pontos psicanalíticos no mundo, permite ao ser vivo ir organizando mais ou menos suas condutas.” (LACAN, 1953,P.23)

Nesta formação da unidade corporal começa a surgir a importância do Outro materno, que ao longo da obra lacaniana ganhará um espaço especial na formação de um Sujeito inserido no campo da linguagem. Este Outro materno é o responsável pelo olhar que transforma a criança fragmentada em um todo que se desenvolve diante de seus investimentos, de tal forma a oferecer o acesso ao terreno fértil dos significantes, porém isto só é possível através da alienação:

“Assim o ponto essencial, o primeiro efeito que aparece da imago no ser humano é um efeito de alienação do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio” (LACAN, 1949, P.102)

Lacan afirma que a imagem do espelho é jubilatória, porém trata-se de uma troca em que o sujeito recebe o referencial do desejo do Outro, ao sucumbir a imagem feita pelo Outro a criança se ordena para ter contato com a realidade humana:

“No ser humano, no final das contas, parece que esse é o único ponto que subsiste. Ele desempenha o seu papel, e o faz na medida em que é enganador e ilusório. É nisso que ele vem em socorro de satisfazer o desejo do Outro, e portanto, almejando iludir esse desejo. Esse é todo o valor da atividade jubilatória da criança diante de seu espelho. A imagem do corpo é conquistada como algo que, ao mesmo tempo, existe e não existe, e em relação ao qual ela situa seus próprios

movimentos bem como a imagem daqueles que a acompanham diante desse espelho. O privilégio dessa experiência está em oferecer ao sujeito uma realidade virtual, irrealizada, captada como tal, a ser conquistada. Qualquer possibilidade de que a realidade humana se construa passa literalmente por aí,”(LACAN, 1949, p.101)

Como podemos verificar na figura a seguir, o conceito que rege o Estádio do Espelho é “Eu sou um outro” (sujeito da relação imaginária), outro com letra minúscula, pois trata-se da formação da imagem ortopédica construída a partir da forma como o Outro o enxerga, sendo este o que o reflete sobre sua imagem, não sendo o conjunto apenas de projeções maternas.

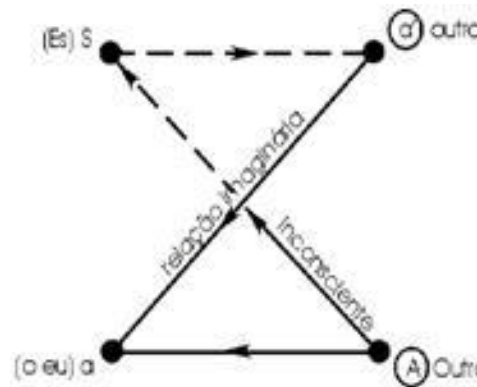


Figura 3 – Esquema L³

Assim, afirma que a criança só entra na dialética edípica após passar pela dialética do espelho (formação da imagem exteroceptiva – de fora). Significa apontar que as imagens intero e proprioceptivas acontecem internamente no bebê, são registros estes que no começo não são distinguidos, apenas vividos (são primeiras e muitas vezes pré-condicionadas pelo desenvolvimento motor). Considerando as imagens entendidas como significantes (imagens acústicas), incluindo dores, sensações, etc., que sustentem a possibilidade de tradução. Neste ponto existem três momentos; o primeiro momento é constituído pelo conceito de não existir diferença entre a imagem real(que se forma na frente do espelho) e a virtual(que se forma atrás do espelho); no segundo há diferença entre a imagem real e a virtual, mas não há coordenação entre elas; por último, no terceiro há distinção entre a imagem real e a virtual, sendo a última submetida a primeira.

³ LACAN, 1953, p. 58

No primeiro momento o olhar materno serve como espelho plano, pois reflete de forma direta a imagem do bebê entendida pela mãe, a qual forma-se o Eu Ideal, imagem Ideal. Neste momento Lacan retoma o Ideal de eu e o Eu Ideal freudiano, pois o Estágio do Espelho constitui ao longo dos momentos um espelho que não é mais plano, teoria descrita em 36 e posteriormente reformulada, esta mudança proporcionou o entendimento de que não se trata apenas de uma impressão de uma imagem que o Outro tem da criança. Neste momento se instala uma divisão de olhar, pois se ausenta do eu para reconhecer algo externo, colocando um foco entre o ser e sua imagem.

Como vimos, a partir do Estádio do Espelho surge o [EU], o significante inaugural que representa o sujeito; é essencial, pois é onde nasce a matriz simbólica do [EU]. Ao reconhecer sua imagem, o bebê sai do lugar de objeto para o sujeito. O eu ideal, formado pelo olhar materno é, então, o primeiro objeto investido pelo sujeito, é fundante do narcisismo. O sujeito nasce alienado de si, sendo um outro de si mesmo (mostrado pelo esquema L de Lacan – figura 3).

Só há entrada no Édipo a partir da passagem pelo espelho, este narcisismo permite distinguir-se do Outro, da mãe, a qual antes estava em posição simbólica, passa à posição real.

A distinção promove o terceiro momento do Estádio do Espelho que coincide com o primeiro tempo lógico do Édipo. Introduzindo o primeiro tempo como o momento em que a criança tem a ilusão de ser o falo materno (como pode-se observar na figura 2); o pai aparece apenas no discurso da mãe. Esta enquanto simbólica se coloca como frustração imaginária da perda real do seio/pênis. A identificação com o falo materno significa a percepção da diferença eu/outro e a tentativa de manter o outro, dada a possibilidade de perder. Por isso, há a fantasia de corresponder ao desejo do Outro, sendo o próprio desejo do Outro.

1.2 Complexo de Édipo

O Complexo de Édipo é caracterizado através da movimentação do Falo na formação do Sujeito, cada tempo, tido como Lógico e não Cronológico, por não é determinado por uma maturação orgânica, mas por um desenvolvimento de estruturas que tornam capaz a passagem para uma próxima etapa, sendo assim, os tempos são determinados pelo lugar que o falo ocupa na relação do Sujeito.

Com a movimentação do Falo na formação do Sujeito percebemos a utilização da primazia do Falo, descrita por Freud, porém esta sofre modificações ao ser considerada além da diferença anatômica:

“(...) o falo, na medida em que é o objeto imaginário com que a criança tem de se identificar para satisfazer o desejo da mãe, ainda não pode situar-se em seu lugar”(LACAN, 1957-1958, p. 234)

No estatuto de objeto imaginário, ao longo dos tempos Edípicos o posicionamento da criança em relação a este Falo desenhará o lugar em que este será colocado com sua entrada no campo da linguagem.

Na diferenciação da participação do Falo no Complexo de Édipo de Freud e Lacan, temos o posicionamento da escolha objetual que elege a mãe como primeiro objeto de amor, enquanto para Lacan o que é eleito é o Desejo da Mãe, sem poder considerar esta escolha como uma relação de objeto, pois:

“A noção da relação de objeto é impossível de compreender, e até mesmo de exercer, se não pusermos nela o falo como um elemento, não digo mediador, pois isso seria dar um passo que ainda não demos junto, mas terceiro.” (LACAN, 1956-1957, p.28)

Assim, não trata-se de uma relação direta entre mãe e filho, esta se dá através do posicionamento do Falo, por isto considera sua movimentação como ilustração do Édipo, pois, como veremos no capítulo seguinte, seu lugar é o que marca o que dá ao sujeito o estatuto de desejante.

Lacan completa ao dizer que na maternidade, a criança está no lugar da falta da mãe, sendo esse momento no qual se atualiza a castração da mãe. Na fantasia, a criança e a mãe tem uma complementação imaginária. Ao situar o posicionamento do falo, enquanto aquilo com que a criança tende a se identificar se relacionando ao valor que a criança representa para a mãe pela representação da falta dessa mãe que se relaciona com a castração dela. O [EU] é o lugar onde todas as identificações serão feitas, sendo a primeira delas a identificação do ideal de sua mãe (“Existo, logo sou amado”). Nesta identificação não há um sujeito dividido, mas um sujeito dividido entre ser e imagem, como no Estádio do Espelho, e o sujeito dividido só aparecerá ao final do Édipo.

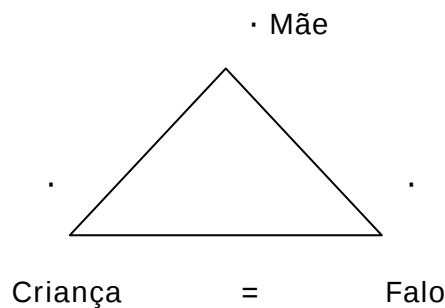


Figura 4

“No primeiro tempo e na primeira etapa, portanto, trata-se disto: o sujeito se identifica specularmente com aquilo que é objeto do desejo da mãe. Essa é a etapa fálica primitiva, aquele em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei. Mas a criança, por sua vez, só pesca o resultado. Para agradar à mãe, se vocês me permitem andar depressa e empregar palavras figuradas, é necessário e suficiente ser o falo.” (LACAN, 1957-1958, p. 198)

Neste momento em que os cuidados maternos estão direcionados à criança temos a alienação desta ao Outro, esta alienação é vista como o passo de entrada para o Édipo, pois a criança se colocará como aquilo que completa a mãe, já que neste início ela será vista como inteira. O bebê se colocará como Falo, como aquilo que simbolicamente torna esta mãe completa, porém esta não será considerada uma relação dual entre Outro e criança, pois ela é marcada, não mediada, pelo valor simbólico do Falo. Este fato, posto como ponto crucial deste tempo, vem por marcar a importância deste momento no desenvolvimento deste sujeito, pois ele se

coloca como aquele que é único para o Outro, sendo o único que é alvo de seus investimentos.

A identificação com o falo materno não surge diretamente da criança, como se ela possuísse completa intencionalidade em completar esta mãe, porém existe a demanda de ser amado. Neste sentido, visa ser o único para esta mãe. Assim como no Estádio do Espelho existe a projeção daquilo que o Outro materno enxerga da criança, existe no primeiro tempo do Édipo a reivindicação da mãe para que a criança seja aquilo que a completa, como dito por Lacan:

“Existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo, que a criança simboliza ou realiza mais ou menos. Já a criança, que tem sua relação com a mãe, não sabe nada disso. Quando se falou, ontem à noite, em imagem corporal a propósito da criança, uma coisa deve realmente lhes ter surgido: esta imagem do corpo, se ela é efetivamente a criança, se é mesmo acessível à criança, será assim, no entanto, que a mãe vê seu filho?” (LACAN, 1956-1957, p. 56)

A criança se coloca como desejo materno ao responder a essa exigência com a demanda de reconhecimento. É neste ponto que Lacan se concentra ao analisar a forma como esta se porta diante desta reivindicação, voltando para ela os ganhos desde alienar-se à uma imagem quanto ao Outro:

“Perguntamo-nos se existem para ela realidade ou não realidade, auto-erotismo ou não auto-erotismo. Vocês verão as coisas se esclarecerem singularmente a partir do momento em que centrarem suas perguntas na criança como sujeito, como aquele de quem provém a demanda, aquele onde se forma o desejo – e toda a análise é uma dialética do desejo. Pois bem, digo que a criança se esboça como *assujeito*. Trata-se como profundamente assujeitada ao capricho daquele de quem depende, mesmo que esse seja um capricho articulado.” (LACAN, 1957-1958, p.195)

A onipotência materna acaba com o reconhecimento da criança da impossibilidade que esta tem de estar presente o tempo todo, estando com um outro, reconhecido neste momento como algo fora da relação, não sendo ainda atrelado a ele o significante paterno, este surge ainda em discurso, porém não

existe além deste. Inicialmente estas ausências são vistas como falta de dom, já que não a considera como alguém em falta, castrada.

Não reconhecer a mãe enquanto castrada, mas reconhecer parcialmente a mãe enquanto alguém que deseja, abre a possibilidade de entrar em contato com objetos simbólicos, provenientes do falo simbólico, abrindo o plano imaginário, como pode-se observar neste trecho:

“A partir dessa primeira simbolização em que se afirma o desejo da criança esboçam-se todas as complicações posteriores da simbolização, na medida em que seu desejo é o desejo da mãe. Em vista disso abre-se uma dimensão pela qual se inscreve virtualmente o que a própria mãe deseja em termos objetivos como ser que vive no mundo do símbolo, num mundo em que o símbolo está presente, num mundo falante. Mesmo que ela só viva nele parcialmente, mesmo que seja, como sucede ocorrer, um ser mal adaptado a esse mundo do símbolo, ou que tenha recusado alguns de seus elementos, essa simbolização primordial abre a criança, ainda assim, a dimensão do que a mãe pode desejar de diferente, como se diz, no plano imaginário” (LACAN, 1957-1958, p.188)

O conceito da onipotência materna coloca-se não para a criança, mas a mãe onipotente, pois atribui ao seu objeto parcial todo o valor atribuído ao objeto simbólico da falta, assim sua onipotência advém do pedido direcionado à criança – “Seja o falo!”.

“ Como já disse a vocês, a estrutura da onipotência não está, contrariamente ao que se acredita, no sujeito, mas na mãe, isto é, no Outro primitivo. É o Outro quem é o todo poderoso. Mas, por trás desse todo-poderoso, existe a falta última a que está suspensa sua potência. Desde que o sujeito percebe, no objeto de que espera a onipotência, esta falta que o faz, a ele mesmo, impotente, a última instância da onipotência é referida para além, a saber, ali onde alguma coisa não existe ao máximo. Isso é o que, no objeto, não passa de simbolismo da falta, fragilidade, pequenez.” (LACAN, 1956-1957, p. 171)

Considerando que a mãe já submetida à castração e só assim é possível que esta reivindique que a criança se coloque no lugar da falta, por este motivo avaliamos que o pai participa de forma velada:

“Em primeiro lugar, a instância paterna se introduz de uma forma velada, ou que ainda não aparece. Isso não impede que o pai exista na realidade mundana, ou seja, no mundo, em virtude de neste reinar a lei do símbolo. Por causa disso, a questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem de situá-la” (LACAN, 1957-1958, p.200)

Com a entrada deste terceiro elemento e o reconhecimento da mãe como castrada, se dá o reconhecimento do pai como aquele que completa mãe, sendo ele um rival, alguém com quem a criança divide os investimentos maternos, porém ele detém aquilo que a mãe quer. Na interação dos três elementos temos o homem que elegeu a mulher como seu sintoma, dando-lhe a ela um filho que é colocado no lugar do falo, porém ao que foi possível pela escolha do homem. Sobre a maternidade, Lacan afirma:

“Todo o progresso que pode conhecer a relação aparentemente dual da criança com a mãe é, de fato, marcado por esse elemento essencial, do qual a experiência da análise de sujeitos femininos nos dá a certeza, e que é ponto de referência, o eixo, que Freud manteve com firmeza até o fim no que diz respeito à sexualidade feminina: a criança só intervém como substituto, compensação, em suma, numa referência, qualquer que seja ela, tituto, compensação, em suma, numa referência, qualquer seja ela, ao que falta essencialmente à mulher” (LACAN, 1956-1957, p.247)

Através do reconhecimento da mãe como castrada ocorre no segundo tempo do Édipo a passagem do ser para o ter, o falo e a ilusão é de garantir a posse da mãe, colocando o pai como interditor, privador e frustrador, pois se coloca entre a mãe e a criança. O pai, nesse momento, é qualquer coisa que se interpõe entre a mãe e ela e a mãe se interessa, sendo qualquer outro um rival (figura 3). A criança se acha como tendo o falo e o pai é um falo rival, ou seja, a complementação é quebrada.

O entendimento de que a mãe também é castrada faz a criança se deparar com o fato de que esta também está em falta, projetando-a no plano simbólico, imprimindo a noção de significante. Esta passagem é uma das mais importantes do Complexo de Édipo, pois imprime que o que é privado da mãe, que também não o tem, é objeto de desejo do Outro, assim ela não pode dar, porque também busca:

“Para que fique postulado que ela não o tem, é preciso que isso de que se trata já esteja projetado no plano simbólico como símbolo. Mas há de fato uma privação, uma vez que toda privação real exige simbolização. Assim, é no plano da privação da mãe que, a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto. Essa privação, o sujeito infantil a assume ou não, aceita ou recusa. Esse ponto é essencial. Vocês o encontrarão em todas as encruzilhadas a cada vez que sua experiência os levar a um certo ponto que agora tentamos definir como nodal no Édipo.” (LACAN, 1957-1958, p.191)

Lacan continua ao dizer que o passar para identificação da criança com o pai, após a castração – como veremos no terceiro tempo do Édipo, somente é possível ao reconhecer que a mãe também encontra-se privada e busca o falo no pai, não como biológico, mas como nome do desejo, por isto diz que reconhecer a privação no âmbito simbólico é fundamental:

“A experiência prova que, na medida em que a criança não ultrapassa esse ponto nodal, isto é, não aceita a privação do falo efetuada na mãe pelo pai, ela mantém em pauta – a correlação se fundamenta na estrutura – uma certa forma de identificação com o objeto da mãe, esse objeto que lhes apresento desde a origem como objeto rival” (LACAN, 1957-1958, p.192)

Neste contexto é que coloca o pai como onipotente, pois ele é capaz de prover a mãe daquilo que ela está privada, interferindo na complementação imaginária que considerava existir até então, porém não se trata de privar a criança, mas demonstra a não onipotência materna:

“O pai onipotente é aquele que prova. Esse é o segundo tempo. Era nesse estágio que se detinham as análises do complexo de Édipo, na época em que se achava que todas as devastações do complexo decorriam da onipotência paterna. Pensava-se apenas nesse segundo tempo, só que não se frisava que a castração exercida aí era a privação da mãe, e não do filho” (LACAN, 1957-1958, p. 200)

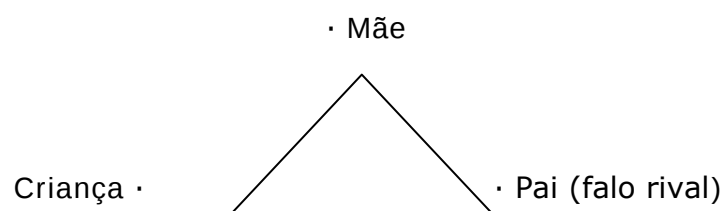


Figura 5

Desta forma, a função do pai, neste segundo tempo, encontra-se direcionada para mãe e esta é descrita da seguinte forma:

“(...) o pai entra entra em função como privador da mãe, isto é, perfila-se por trás da relação da mãe com o objeto de seu desejo como *aquele que castra*, coisa que digo apenas entre aspas, pois o que é castrada, no caso, não é o sujeito, e sim a mãe.” (LACAN, 1957-1958, p.191)

Neste momento encontra-se o pai imaginário: agente da privação, sendo o furo do real. O real é o que sempre volta o eu ao lugar, pois a privação é um furo do real, com objeto é simbólico. O pai frustra a criança da mãe e priva a mãe da criança, pois para esta ele tem aquilo que a mãe deseja, forma-se a fantasia do outro excluído, pois ele pode prover o que a mãe busca.

Esta função de privador já começa a desenhar a proibição do incesto e o impacto da entrada do pai entre criança e mãe, por isso Lacan diz que surge como mediador desta relação:

“Esse segundo tempo tem como eixo o momento em que o pai se faz pressentir como proibidor. Ele aparece mediado no discurso da mãe. Agora já pouco, na primeira etapa do complexo de Édipo, o discurso da mãe era captado em estado bruto. Dizer agora que o discurso do pai é mediado não significa que façamos intervir novamente o que a mãe faz da palavra do pai, mas que a fala do pai intervém efetivamente no discurso da mãe. Portanto, ele então aparece menos velado do que na primeira etapa, mas não completamente revelado. É isso que corresponde o uso do termo *mediado*, nessa ocasião” (LACAN, 1957-1958, p. 209)

Na mediação da relação o ponto a ser considerado é que a privação se dirige a mãe, começando a esboçar a função do terceiro tempo de interditor, sendo aquele que instaura a lei:

“Em segundo lugar, o pai se afirma em sua presença privadora, como aquele que é o suporte da lei, e isso já não é efeito de maneira velada, porém de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei” (LACAN, 1957-1958: 1999, p.200)

Antes de entrar no terceiro tempo apontarei para a diferença de privação e frustração, pois isto define o ponto primordial do pai como privador, na medida em que ele priva a mãe de algo que ela não tem, assim:

“Só há frustração – a palavra implica isso – se o sujeito entra na reivindicação, na medida em que o objeto é considerado como exigível por direito. O objeto entra, nesse momento, no que se poderia chamar de área narcísica das pertinências do sujeito” (LACAN, 1956-1957; 1995, p.101)

Assim, o pai surge como mediador da relação, pois mostra a criança que ela não pode dar o que está sendo pedido, privando-a não frustrando-a, pois:

“A frustração incide sobre algo de que vocês são privados por alguém de quem poderiam, justamente, esperar o que lhes pediam. O que está assim em jogo é menos o objeto de amor de quem lhes pode fazer este dom. O objeto da frustração é menos o objeto que o dom” (LACAN, 1956-1957, p.101)

Para explicar o que significa reinstaurar a falta, mais especificamente o que é colocar o falo na ordem simbólica, como representante da falta, Lacan usa o seguinte exemplo:

“ A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. É na medida em que definimos pela lei o que deveria estar ali que um objeto falta no lugar que é seu. Não há melhor referência do que esta: pensem no que acontece quando vocês pedem um livro numa biblioteca. Dizem-lhes que não está no lugar, ele pode estar bem ao lado, mas ainda assim, em princípio, falta no seu lugar – ele é, por princípio, invisível. Isso quer dizer que o bibliotecário vive inteiramente num mundo simbólico. Quando falamos de privação , trata-se de objeto simbólico, e de nada mais.” (LACAN, 1956-1957, p.38)

Com a entrada no terceiro tempo, o pai aparece como doador e permissivo. Neste momento, aparecem as “negociações edípicas”, pois se a mãe é proibida, a criança acredita que ganhará alguma coisa. Este pai ganha status de permissivo e doador porque ele recoloca o falo em seu devido lugar, isto é, como objeto desejado pela mãe e diferente da criança. Aqui surge a possibilidade de identidade sexuada e o registro da falta, sendo que esta última não era assimilada anteriormente a este momento. Assim, o que conclui-se sobre este tempo é que:

“ A terceira etapa é tão importante quanto a segunda, pois é dela que depende a saída do complexo de Édipo. O falo, o pai atestou dá-lo em sua condição e apenas em sua condição de portador ou de suporte, diria eu, da lei. É dele que depende a posse ou não desse falo pelo sujeito materno. Na medida em que a etapa do segundo tempo é atravessada, é preciso então, no terceiro tempo, que aquilo que o pai prometeu seja mantido. Ele pode dar ou recusar, posto que o tempo, mas o fato de que ele, o pai, tem o falo, disso ele tem que dar provas. É por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo e não que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas, como objeto do qual o pai pode provar” (LACAN, 1957-1958, p.200)

O ponto principal a ser considerado sobre o falo, significante da falta, é que este se estabelece na relação mãe e criança, na qual a mãe reivindica que a criança ocupe este lugar e o pai surge como privador por demonstrar que a mãe não pode reivindicar o que não tem, assim Lacan discute a instância do falo nesta relação:

“Demos toda sua importância à mãe, e à relação simbólica imaginária da criança com ela. Dissemos que a mãe se apresenta para a criança com a exigência daquilo que lhe falta, a saber, o falo que não tem. Dissemos este falo é imaginário. Ele é imaginário para quem É imaginário para a criança.” (LACAN, 1956-1957, p. 266)

O terceiro tempo do Édipo se apresenta como ponto fundamental para a entrada do sujeito na linguagem, por este motivo tratarei seus dois pontos cruciais em subtítulos específicos.

1.3 – Complexo de Castração

A castração aparece como uma falta simbólica, na qual o falo é colocado em seu lugar, marcando a falta, seu agente é o pai real. Diante da castração, organizam-se a dinâmica das trocas, pois ao abrir mão de ser o desejo da mãe a criança espera algo em troca. Coloca-se a necessidade em relação a identificação sexuada, em que se o pai tem o que a mãe quer, devo me identificar a ele para ser provedor ou me identifico à mãe, pois esta sabe onde achar o que busco. O pai se apresenta como doador para a criança em termos de identidade, pois o Espelho estabeleceu o primeiro narcisismo, em que a mãe dá à criança um Eu ideal, o qual

faz da criança alienada de si. O pai “doa” um Ideal de [EU] estabelecendo o segundo narcisismo, a qual é identificação ao pai, ou seja, aquilo que a criança deve chegar a vir a ser. Faria faz um paralelo sobre este ponto na teoria freudiana e lacaniana:

“(...) enquanto Freud relaciona o complexo de castração à questão anatômica, Lacan destaca a importância de sua articulação à função simbólica do pai, definindo-a como eixo central da problemática edipiana.

Não se trata, porém, de um distanciamento entre as duas teorias. O que Lacan faz, ao articular o complexo de Édipo com a função simbólica do pai, é dar maior precisão teórica à interdição que recai sobre o desejo incestuoso da mãe” (FARIA, 2003, p. 46)

Aceitar a castração implica em atuação da metáfora do Nome-do-Pai. A criança sai da 1ª alienação e passa a se alienar na linguagem, já que não consegue nomear o seu desejo, o que aparece na cadeia significante. Assim, Lacan adiciona aos termos frustração e privação o conceito de castração:

“A frustração, tal como é vivida originalmente, só tem importância e interesse na medida em que desemboca num ou noutro dos dois planos que distingo para vocês: castração ou privação. Na verdade, a castração nada mais é que aquilo que a transcende e a instaura na sua ordem verdadeira a necessidade da frustração, o que a transcende e a instaura numa lei que lhe dá um outro valor. Isso, aliás, é também o que consagra a existência da privação, pois a idéia de privação não é de modo algum concebível no plano real. Uma privação só pode ser efetivamente concebida para um ser que articula alguma coisa no plano simbólico” (LACAN, 1956-1957, p.100)

Por isto, consideramos que a privação, enquanto proibição da mãe, torna-se castração no momento em que ela é submetida à Lei que atribuiu esta falta, o falo no plano simbólico.

Atentando para a privação submetida a Lei acrescentamos que o pai também “doa” à criança o Supereu, que se refere às interdições, se configurando a falta decorrente da dinâmica Lei/Desejo. Nesse momento, a criança se torna propriamente sujeito a partir da inscrição da falta. Além do Supereu, o pai “doa” o Ideal de eu, como dito antes, como manifestação do segundo narcisismo, que forma-se no momento em que a criança percebe o pai como tendo o falo:

“Em terceiro lugar, o pai se revela como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo. Essa saída é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se *Ideal do eu*. Ela vem inscrever-se no triângulo simbólico no pólo em que está o filho, na medida em que é no pólo materno que começa a se constituir tudo o que depois será realidade, ao passo que é no nível do pai que começa a se constituir tudo o que depois será o supereu” (LACAN, 1957-1958, p.200-201)

Outro ponto a ser considerado sobre o momento da castração é que somente a partir da metáfora do Nome-do-Pai que é possível a identificação sexuada (na identidade o filho supõe que o pai tem o falo), então doa para o filho as insígnias fálicas, ou seja, elementos que tem valor fálico para a criança, que são importantes para poder manejar a falta a partir da busca de objetos direcionados pelo desejo, estas insígnias posicionam a identificação sexuada:

“É nessa medida que o terceiro tempo do complexo de Édipo pode ser transposto, isto é, a etapa da identificação, na qual se trata de o menino se identificar com o pai como possuidor do pênis, e de a menina reconhecer o homem como aquele que o possui” (LACAN, 1957-1958, p.203)

As insígnias fálicas não funcionam de forma decisiva, pois para as meninas nada se equivale a isso, por isso, o duplo abandono, pois abandona a mãe e depois o pai. Retorna à mãe para a identificação para poder ir buscar o que ela supõe que a mãe sabe, isto é, onde buscar o falo. Por isso, as meninas carecem narcisicamente de certificações femininas, o que as atrelam à imagem, não sendo por excesso de narcisismo, como é erroneamente acreditado pelo senso comum. Ou seja, ocorre pela incidência da castração.

Diante da castração e da falta, se coloca o desejo a partir da questão da insuficiência. Essas vias são escolhidas pelo sujeito e, por isso, Lacan diz que há uma escolha de estrutura, mas todos têm um saber sobre a falta, a qual existe e, o que varia é como o sujeito se posiciona diante dela, isto não implica em mera intencionalidade.

Para atribuir o impacto da castração no inconsciente, Lacan propõe dois aspectos a partir dos quais o sujeito se posiciona para atuar de forma subjetiva sob aquilo que se instaurou:

“Sabemos que o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó:

1.o. na estruturação dinâmica dos sintomas, no sentido analítico do termo, quer dizer, daquilo que é analisável nas neuroses, nas perversões e na psicose,

2.o. numa regulação do desenvolvimento que dá a esse primeiro papel pela sua ratio, ou seja, a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou te mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada” (LACAN, 1901-1981; 1998, p.692)

Assim, toda lógica da castração advém da ação efetiva da Lei, colocando o falo no seu devido lugar. O sujeito submete-se a Lei encarando sua falta para viver no campo da linguagem, como sujeito alienada à linguagem, mas não mais a margem de seu desejo.

1.4 – Nome-do-Pai

O Nome-do-Pai é o que situa as três dimensões do sujeito: real, simbólica e imaginária. Passando pelo Nome-do-Pai, o sujeito consente em ser um ser de linguagem, entrando na dimensão simbólica, isto é, da representação, assim existe a relação inicial de significante, colocando o sujeito situado no nível simbólico com capacidade de significar:

“A posição do Nome-do-Pai como tal, a qualidade como procriador, é uma questão que se situa no nível simbólico. Pode materializar-se sob as diversas formas culturais, mas não depende como tal da forma cultural, é uma necessidade da cadeia significante. Pelo simples fato de vocês instituírem uma ordem simbólica, alguma coisa corresponde ou não à função definida pelo Nome-do-Pai, e no interior dessa função vocês colocam significações que podem ser diferentes conforme os casos, mas que de modo algum dependem da outra necessidade que não a necessidade da função paterna, à qual corresponde o Nome-do-Pai na cadeia de significante” (LACAN, 1957-1958, p.187)

sempre objeto do Outro. Sujeito é desterrado do desejo materno e carrega para sempre dentro de si as conseqüências do desfazer da fantasia de amor incondicional. Isso do que o sujeito se separa para sempre é sua totalidade absoluta. Ele sai da alienação de ser o falo materno, passa a ser desejante, mas voltando a se alienar na cadeia significante. Esta, leva para longe do sujeito a enunciação do seu desejo.

Para a enunciação de seu desejo o sujeito entra em contato com o nome dele: o falo, significante da falta; aquilo que entra como objeto de troca, pois este marca o lugar renunciado e que jamais será alcançado, porém sua falta será o que dará ao sujeito a possibilidade de desejar. Sobre isto, Lacan postula a troca simbólica:

“Com efeito, tudo o que se pode transmitir na troca simbólica é sempre alguma coisa que é tanto ausência quanto presença. Ele é feito para ter essa espécie de alternância fundamental, que faz com que tendo aparecido num ponto, desapareça, para reaparecer num outro. Em outras palavras, ele circula, deixando atrás de si o signo de sua ausência no ponto de onde vem. Em outras palavras ainda, o falo em questão – nós o reconhecemos desde logo – é um objeto simbólico” (LACAN, 1956-1957, p.155)

O verdadeiro sujeito do desejo é o sujeito do inconsciente. O sujeito da consciência é metonímico, tomando a parte pelo todo. O desejo é o representante do ser no sujeito, havendo uma representação, a qual é metonímica e metafórica.

Assim, este desejo se abre a partir do Nome-do-pai que é o representante da lei, é o Outro do Outro, é aquele que permitirá o funcionamento da cadeia simbólica e terá uma posição única (Figura 8). O Édipo alcançaria sua normatização a partir da Metáfora do Nome-do-Pai.

“A metáfora paterna desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar de uma metáfora – leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica, guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde.” (LACAN, 1957-1958, p.201)

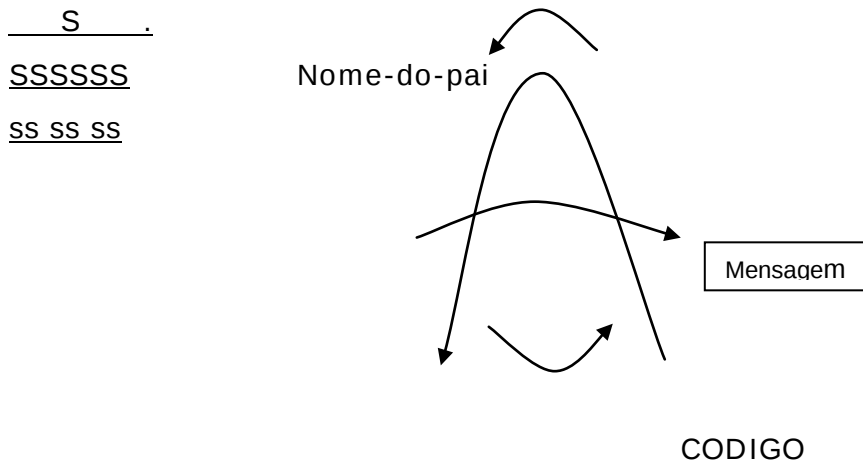


Figura 8

“Antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto. É o pai, recordam-nos, que fica encarregado de representar essa proibição. Às vezes, por suas expansões, manifestações e pendores, mas é para além disso que exerce esse papel. É por toda a sua presença, por seus efeitos no inconsciente, que ele realiza a interdição da mãe. Você estão esperando que eu diga: *sob a ameaça de castração*. É verdade, convém dizê-lo, mas isso não é tão simples.” (LACAN, 1957-1958, p.174-175)

Desta forma, Lacan situa o núcleo do recalcado pela intervenção do Nome-do-Pai, criando a possibilidade da criação da cadeia significante:

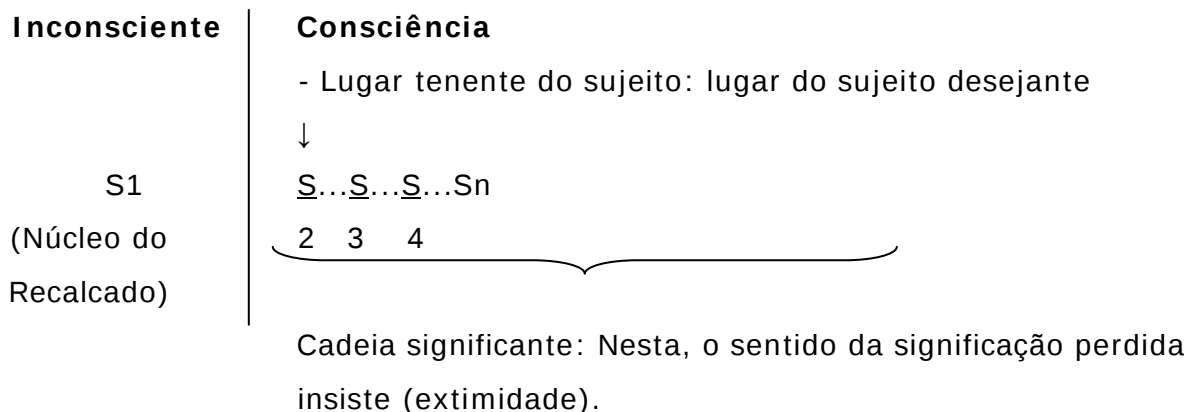


Figura 9

Para chegarmos ao ponto em que o pai intervém como Nome-do-Pai é necessário retomar o último tempo do Édipo sendo marcado pela modificação deste

pai como rival para que ele seja visto enquanto função paterna, pensando no conceito estruturalista que rege a psicanálise lacaniana, esta função paterna atuará como aquele que interditou o desejo materno, “não reintegrarás seu produto”, “não deitarás com tua mãe”. Neste momento em que existe a substituição do desejo materno pelo Nome-do-Pai pode-se dizer que existe a entrada do sujeito no Campo da Linguagem, pois este agora tem internalizadas as leis sociais, bem como a proibição do incesto, porém além das proibições o sujeito adquire a força que rege a busca por completar o que foi perdido no momento em que abre mão do desejo materno. O sujeito não é apenas o sujeito da linguagem, é um sujeito desejante, se reconhece como em falta, porém tem em si estruturas capazes de buscar objetos parciais que o impulsionem por continuar a desejar. A mensagem da proibição do incesto é descrita por Lacan como tendo um algo específico:

“Essa mensagem não é um simplesmente o *Não deitarás com tua mãe*, já nessa época dirigido à criança, mas um *Não reintegrarás teu produto*, que é endereçado à mãe. Assim, são todas as conhecidas formas do chamado instinto materno que deparam aqui com um obstáculo. Com efeito, a forma primitiva do instinto materno, como todos sabem, manifesta-se – talvez mais ainda em alguns animais do que nos homens – pela reintegração oral, como dizemos elegantemente, daquilo que saiu por outro lado.” (LACAN, 1957-1958, p. 209-210)

Outro aspecto relevante é que o pai deve ser entendido como uma metáfora. Preferido à mãe dando início as negociações edípicas para ceder seu lugar de ser ou ter o falo materno, recebendo em troca esse espaço de falta, o desejo. Assim, a criança sai do lugar de desejo da mãe para a instauração de uma falta, a qual é o nome do desejo e, assim, inserindo-o no mundo (função do pai). Para isso é necessário que haja a renúncia à figura da mãe, à mãe fálica. Este é preferido por tirar a criança do lugar que está comprometido com o desejo materno, convocando a criança à sua identificação sexuada, ao substituir o desejo materno instaura a falta, pois a figura materna é barrada e o sujeito dividido. Nesta relação, Lacan descreve a metáfora paterna:

“De que se trata na metáfora paterna? Há, propriamente, no que foi constituído por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a

colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe.” (LACAN, 1957-1958, p.186)

Além da metáfora paterna, entendida como substituição do desejo da mãe pelo Nome-do-Pai, ele também é descrito como representante da Lei:

“(…) o pai entra no jogo, isso é certo, como portador da lei, como proibidor do objeto que é a mãe. Isso, como sabemos, é fundamental, mas está totalmente fora de questão, tal como esta é efetivamente introduzida para a criança. Sabemos que a função do pai, o Nome-do-Pai, está ligada à proibição do incesto, mas ninguém jamais pensou em colocar no primeiro plano do complexo de castração o fato de o pai promulgar efetivamente a lei da proibição do incesto.” (LACAN, 1957-1958, p. 193-194)

Um outro aspecto a ser descrito quanto à função do pai é humanizar o desejo da mãe, o que significa colocar esse desejo como submetido à lei, o que protege o sujeito, este pai surge dessa maneira ao longo dos tempos do Édipo para exercer seu papel, de dar conta do desamparo decorrente das idas e vindas da mãe, isto é, normatiza o fato de ela ir e vir, representando a Lei do Outro, que se manifesta:

“Com efeito, aquilo sobre o qual o sujeito interroga o Outro, na medida em que ele o percorre por inteiro, sempre encontra dentro dele, sobre certos aspectos, o Outro do Outro, ou seja, sua própria lei. É nesse nível que se produz o que faz com que aquilo que retorna à criança seja, pura e simplesmente, a lei do pai, tal como imaginariamente concebida pelo sujeito como privadora da mãe, Esse é o estádio, digamos, nodal e negativo, pelo qual aquilo que desvincula o sujeito de sua identificação liga-o, ao mesmo tempo, ao primeiro aparecimento da lei, sob a forma desse fato de que a mãe é dependente de um objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem.” (LACAN, 1957-1958, p.198-199)

Para surgir um pai este deve ser *père-versamente* orientado. O pai é o homem que faça de uma mulher seu sintoma, isto é, que ele a escolha segundo a sua fantasia. Quando o desejo de um homem envolve uma mulher surge um enigma, o enigma do desejo. Este enigma é que se coloca para a criança: “O que é minha mãe para o meu pai, e o que é o meu pai para minha mãe?”

O Édipo caracteriza a busca das respostas dos enigmas do desejo. Orientado para ser a versão de pai (*père-version*) que interdita a mãe na colocação do filho no

lugar de falo, pois se a criança permanece nesse lugar instala-se a estrutura psicótica, na qual a criança é metonímia do falo materno.

Nesta interdição, o pai deve ser aquele que representa a lei para o filho e não quem a encarna. Para isso, ele próprio deve estar submetido à lei. O Édipo é o processo de inclusão de significante do Nome-do-Pai no lugar do Outro, sendo o significante do Nome-do-Pai é a lei.

No segundo tempo do Édipo “ser” a lei equivale a percepção do pai como falo. Na passagem para o terceiro tempo do Édipo, o pai deve bascular para a posição de ter o falo. Esse movimento permite que o falo se configure como objeto de desejo. Portanto os três tempos são necessários para a criança simbolize a lei e para tanto deve se colocar a dialética do ser para o ter. Apenas a partir disso o desejo e a castração são possíveis. A castração vista da atuação do pai descreve que:

“Essa proibição chega como tal em A, onde o pai se manifesta como Outro. Em vista disso, a criança é profundamente questionada, abalada em sua posição de assujeito – potencialidade ou virtualidade salutar, afinal. Em outras palavras, é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto do desejo da mãe. O processo poderia ser interrompido na primeira etapa, dado que a relação da criança com a mãe comporta uma triplicidade implícita, uma vez que não é a mãe que ela deseja, mas seu desejo. Essa já é uma relação simbólica, que permite ao sujeito o fechamento de um primeiro circuito do desejo da mãe. Não obstante, tudo é questionado pela proibição paterna, que deixa a criança em suspenso quanto a seu balizamento do desejo do desejo da mãe”(LACAN, 1957-1958, p. 210)

Olhando a proibição pela ótica materna, vemos que a maternidade é o lado masculino da mulher, pois neste momento ela goza falicamente. O homem coloca a mulher no lugar de gozo e a mulher, por sua vez, coloca o filho. Neste triângulo, Lacan faz ressalvas sobre a teoria freudiana:

“Freud, por seu lado, nos diz que a mulher tem, dentre suas faltas de objetos essenciais, o falo, e que isso está estreitamente ligado à sua relação com a criança. Por uma simples razão – se a mulher encontra na criança uma satisfação é, muito precisamente, na medida em que

encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que satura. Não considerando isso, desconhecemos não somente o ensino de Freud, mas os fenômenos que se manifestam a todo instante na experiência” (LACAN, 1956-1957, p.71)

Para entender que pai simbólico que é descrito neste momento Lacan retoma a obra freudiana, especificamente “Totem e Tabu”, em que descreve este pai a luz do termo “Pai-da-horda”, o pai simbólico; que nenhum homem pode encarná-lo. Instaura o Complexo de Édipo e a humanidade, pois o Pai-da-horda é aquele que não existe. Este pai, simbólico, é conservado por ser indestrutível.

Assim, no Édipo, com o leite a criança bebe o significante que inscreve a criança no campo da linguagem, no campo do Outro, fazendo surgir um sujeito humano como o conhecemos. O Outro para a criança teria feito a criança gozar sem demandar (causalidade *a posteriori*: o que acontece em um momento determina o evento anterior - tempo verbal).

“No terceiro tempo, portanto, o pai intervém como real e potente. Esse tempo se sucede à privação ou à castração que incide sobre a mãe, a mãe imaginada, no nível do sujeito, em sua própria posição imaginária, a dela, de dependência. É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina” (LACAN, 1957-1958, p.201)

Capítulo II – Pulsão: O caminho para o desejo e a busca – O que busca quem repete

Como vimos no capítulo anterior, o início da alienação se dá no Estádio do Espelho, pois juntamente a projeção da imagem materna há o acesso ao Édipo, que proporciona a criança entrar em contato com a primazia do Falo, que marca a castração materna e por intermédio da metáfora paterna interdita a correspondência do Desejo da Mãe de ter sua falta obturada.

Para entender melhor como se constrói o desejo, a partir da falta, o conceito de alienação será articulado a esta para expor em que cenário pode-se evidenciá-la:

“Antes da alienação não havia a menor possibilidade de ser: “é próprio sujeito que não está lá no começo” (Seminário 14, 16 de novembro de 1966); posteriormente, seu ser é apenas potencial. *A alienação dá origem a uma possibilidade pura de ser*, um lugar onde espera-se encontrar um sujeito, mas que, no entanto, permanece vazio. A alienação engendra, de certa maneira, um lugar no qual está claro que não há, por enquanto, nenhum sujeito: um lugar em que algo está visivelmente faltando. *O primeiro vislumbre do sujeito é justamente essa falta*” (FINK, 1998, p.74)

Este trecho evidencia que a criança ao se colocar como único para a mãe comporta-se de forma a corresponder ao desejo dela, não existe o conhecimento da mãe castrada, na realidade, o que existe é um posicionamento como complementação entre mãe e filho, porém se a criança se unifica para completar a mãe é porque seu primeiro contato se dá através da falsa idéia de ser capaz de fazer parte da mãe-toda.

Paralelamente ao posicionamento da criança no lugar do Falo, esta possui suas necessidades decodificadas através de significados atribuídos pela mãe que dá sentido a suas solicitações, como podemos ver:

“*O primeiro ato* de cuidado de uma mãe em relação ao desconforto de seu filho que chora é atribuir-lhe um sentido: *é fome, é dor, é frio*, etc. Observemos que o estatuto propriamente orgânico do desconforto é inapreensível na experiência do sujeito em face do adulto próximo. Em outras palavras, a necessidade, enquanto tal, é perdida para o sujeito,

traduzindo-se, necessariamente, nos termos significantes exemplificados *fome, dor e frio*.” (ELIA, 1956, p. 147)

Ao introduzirmos o conceito de significante temos o primeiro esboço da forma como a linguagem é transmitida inicialmente à criança, por significante entende-se:

“ Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo” (LACAN, 1960, p. 833)

Assim, temos a relação de que para a mãe, tal comportamento do sujeito torna-se ao seus olhos uma demonstração de fome, porém este entendimento carrega em si as formações que esta mãe fez de seu filho desde o seu primeiro contato, ou dito de outra forma, antes mesmo de seu nascimento:

“Quaisquer que sejam os complexos motivos dos pais, eles funcionam, de uma forma muito direta, como a causa da presença física da criança no mundo. Esses motivos continuam a agir sobre a criança após o seu nascimento, sendo responsáveis, em grande parte, pelo seu advento enquanto um sujeito dentro da linguagem. Nesse sentido, *o sujeito é causado pelo desejo do Outro*” (FINK, 1998, p.72)

Não entrarei, por enquanto, no que esta última afirmação significa quanto à definição de desejo, entretanto voltarei para a interferência materna sobre a necessidade da criança. Ao responder à necessidade da criança de uma forma específica a mãe transcodifica, instrumentalizada pela linguagem, o que na verdade está sendo solicitado, como afirma Elia:

“Nos termos introduzidos por Lacan, a *necessidade* seria forçosamente transcodificada pelo Outro da criança, era *demand*a. O Outro é, assim, a fonte, o engendrador e o pólo de endereçamento da demanda. Para além do atendimento da necessidade, capaz de amar, já que *amor* nomeia, com justa eloquência, o movimento pelo qual o Outro codifica (em linguagem), e atende (em ato) necessidade da criança, transformando-a em demanda.” (ELIA, 1956, p.147-148)

Esta articulação entre necessidade e demanda somente é possível quando a criança encontra-se alienada ao Outro, pois assujeitar-se aos significantes maternos como forma de obter seu objetivo, ser o único para esta mãe, assim:

“No conceito lacaniano de alienação, as duas partes envolvidas, a criança e o Outro, têm pesos muito desiguais e a criança quase que inevitavelmente perde na luta entre eles. No entanto, ao assujeitar-se ao Outro, a criança ganha algo: ela torna-se, em certo sentido, um dos sujeitos da linguagem, um sujeito da “linguagem” ou “na linguagem”. Representado esquematicamente, a criança, assujeitada ao Outro, permite que o significante o substitua” (FINK, 1998, p.71)

É no sentido de “perder” para o Outro e não acessar a linguagem é que Lacan formula o exemplo de “ a bolsa ou a vida!”, em que não entregar a bolsa, não se alienar ao desejo do Outro resultaria em não acessar a linguagem, porém entregar a bolsa e conquistar a subjetividade não é uma escolha livre da alienação, pois a linguagem também o aliena. Assim ao assujeitar-se ao Outro existe a escolar de desenvolver-se como sujeito da linguagem.

A necessidade é transformada em demanda tendo o Outro como seu “tradutor” também proporciona a criança a noção de ser amada, nesta possibilidade o contato fica marcado por detectar o que falta ao Outro, descrito por Fink, distinguindo esta de falta *do* Outro:

“(...) a demanda, constituindo-se no campo da linguagem e portanto tendo no Outro seu ponto de origem, visa o próprio ser do Outro como aquele que pode *amar* o sujeito, e o desejo, ancorando-se no que *falta* ao Outro, reencontra a via do objeto, dado que, se *algo* falta, não é o ser *do* Outro enquanto tal que falta, mas é algo que falta *ao* Outro(...)” (ELIA, 1956, p.149)

O Nome-do-Pai revela esta dupla mãe e bebê sofre a instauração da Lei, que é direcionada à mãe, sobre sua falta, e é responsável por substituir o Desejo da Mãe submetendo-a à Castração. Nesta substituição existe a queda de um objeto, algo que é perdido, sobre a relação anterior à submissão a Lei e como ocorre este corte, Fink afirma:

“A criança gostaria de ser o único objeto de afeto da mãe, mas o desejo desta quase sempre vai além da criança: há algo sobre o desejo da mãe que escapa à criança, que está além do controle desta. Uma identidade estreita entre o desejo da criança e o da mãe, incompreensível para a criança, funciona de uma maneira singular. Esse resumo superficial sobre a separação postula que um corte é induzido na unidade hipotética mãe-criança devido à própria natureza do desejo, e é esse corte que leva ao advento do objeto a. O objeto a pode se entendido aqui como o resto produzido quando essa unidade hipotética se rompe, como um último indício daquela unidade, um último resto desta unidade. Ao clivar-se deste resto, o sujeito dividido embora excluído do Outro, pode sustentar a ilusão da totalidade: ao apegar-se ao objeto a, o sujeito é capaz de ignorar sua divisão.” (FINK, 1998, P. 82-83)

Desta forma, o objeto a dá nome para aquilo que o sujeito negociou pela representação significativa. Nesta, ganhou o que consegue simbolizar e abriu mão do que não conseguiu. Como descrito por Fink (1998) “*O objeto a é o resto desse processo de constituição de um objeto, os restos que escapam ao domínio da simbolização*” (p. 120)

Ao relacionar o objeto a, como o que o sujeito não pode simbolizar, ao falo enquanto significante da falta, temos a distinção entre os dois, pois o primeiro é inominável, por isto não possui um significante, senão o que não pode ser simbolizado, enquanto que o “Falo é o nome do significante que desvia da Coisa inatingível para os objetos do desejo” (BRAUNSTEIN, 2007, p.90)

Por esta distinção ao relacioná-lo ao conceito de desejo, que será definida a seguir, temos a diferenciação entre alvo e causa, descrita por Elia:

“Isto significa que o objeto faltoso não é o objeto do desejo, mas o objeto que, faltando, *causa* o desejo, dá a ele existência o produz. O que caracteriza o desejo é o fato de que ele *não tem objeto*, não se podendo falar, assim, a rigor, de *objeto do desejo*, mas de objeto-causa do desejo.” (ELIA, 1956, p.149)

Contudo, vale ressaltar a importância do Outro na delimitação do objeto a que marca desde o início deste na constituição do sujeito, esta participação se dá por intermédio da fantasia, como comenta Fink:

“ O objeto a é o complemento do sujeito, um parceiro fantasmático que sempre desperta o desejo do sujeito. A separação resulta na divisão do sujeito em eu e inconsciente, e em uma divisão correspondente do Outro em Outro faltante (A) e o objeto a. Nenhuma dessas “partes” estava lá no início e no entanto a separação resulta em um tipo de interseção por meio da qual algo do Outro (o desejo do Outro neste caso) que o sujeito considera sua propriedade, essencial para sua existência, é arrancado do Outro e conservado na fantasia pelo sujeito agora dividido” (FINK, 1998, p.84)

O parceiro fantasmático será parte do sujeito, enquanto capacidade de desejar, esta capacidade é desenvolvida a partir de sua divisão realizada pela Lei, que abre a possibilidade ao objeto causa do desejo pela instauração da falta, falo simbólico, isto acarreta em implicar-se em seu desejo.

“ A travessia da fantasia envolve que o sujeito assuma uma nova posição em relação ao Outro como linguagem e ao Outro como desejo. Trata-se de investir ou habitar aquilo que o trouxe à existência como sujeito dividido, para torna-se aquilo que o *causou*. Onde uma vez reinou o discurso do Outro, dominado pelo desejo do Outro o sujeito é capaz de dizer “Eu”. Não “ Aconteceu comigo”, ou “Eles fizeram isso comigo” ou “O destino tinha guardado para mim, mas “ Eu fui”, “Eu fiz”, “Eu vi”, “Eu gritei”. ” (FINK, 1998, p.86)

Após a explicação do desenvolvimento da necessidade para demanda e a introdução do objeto que cai no processo de proibição do desejo da mãe é possível diferenciar o objeto da demanda e do objeto de desejo, sendo um movido pela saciedade e total satisfação, enquanto o outro se relaciona ao ponto simbólico que marca a falta, por isto Elia diz:

“(...) se a demanda visa antes o *ser* do Outro enquanto tal, mais do que o *objeto* que parece demandado (aspecto que inclusive a diferencia claramente da necessidade, que visa precipuamente o objeto natural que a supre) o desejo, por sua vez, visa o objeto. Não mais o objeto natural da necessidade, objeto capaz de proporcionar satisfação ou saciedade, mas o objeto enquanto *faltoso*, o objeto que falta aos objetos que se oferecem ao sujeito no plano da realidade, ou seja, os objetos imaginários.” (ELIA, 1956: 1995, p. 149)

O contato com os objetos imaginários apreende o ponto determinante do sujeito: a possibilidade de significar e ao fazer isto desejar, pois busca,

parcialmente, sanar a ausência do representante da falta. Isto se dá, como vimos no início, pela alienação ao Outro:

“Na alienação, o Outro domina ou toma o lugar do sujeito; na separação, o objeto a enquanto desejo do Outro toma a frente e tem precedência sobre o sujeito ou o assujeita; e na travessia da fantasia, o sujeito subjetiva a *causa* de sua existência (o desejo do Outro: o objeto a) e é caracterizado por um tipo de desejo puro sem um objeto: a capacidade de desejar.” (FINK, 1998, p.93)

Depois de conceituar necessidade e demanda pode-se situar o desejo, considerando-o como conceito central da teoria lacaniana, porém sem todo o percurso que o precede seu desenvolvimento não seria possível. Assim, Lacan descreve o desejo colocando em relação com os outros conceitos abordados anteriormente:

“ O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (o que é chamado de angústia). Margem que, embora sendo linear, deixa transparecer sua vertigem, por mais que seja coberta pelo pisoteio de elefante do capricho do Outro. É esse capricho, no entanto, que introduz o fantasmas da Onipotência, não do sujeito, mas do Outro em que se instala sua demanda (já era tempo de esse clichê imbecil ser recolocado, de uma vez por todas e por todos, em seu devido lugar), e, justamente com esse fantasma, a necessidade de seu refreamento pela Lei” (LACAN, 1960, p. 828)

Após passar pelo terceiro tempo edípico e sucumbir a lei o sujeito pára de responder aos caprichos do Outro materno, isto não termina com o impacto desde Outro na vida dele, pois lhe resta a herança deste contato, o que aqui é descrito como objeto a:

“ O sujeito castrado é, portanto, um sujeito que não subjetivou o desejo do Outro e que permanece afligido por ele e ainda obtém um “ganho secundário” de sua submissão sintomática ao Outro” (FINK, 1998, p.97)

O objeto a, causa do desejo, pode ser considerado produto da intervenção do Nome-do-Pai sobre o desejo da mãe. Através deste âmbito não existe desejo sem falta e não pode existir falta sem castração:

“A condição da enunciação é eu não falte a falta, que a castração simbólica se tenha efetuado, que tenha existido o corte que faz do sujeito um súdito da Lei. Em termos mais freudianos, menos lacanianos, que o complexo de Édipo tenha cumprido sua incumbência. A coisa ficou interdita e o Falo, significante impronunciável [S(A)], tomou seu lugar e instaurou, no sujeito, a dimensão da falta irremissível. É a esta falta, efeito do Falo que pôs a Coisa a uma distância inevitável, que responde outro significante que se constitui em eixo de articulação da palavra falada, que é o significante que estruturalmente realiza a castração, ou seja, a separação em relação do desejo da Mãe: é o nome-do-Pai” (BRAUNSTEIN, 2007, p. 91-92)

A importância de considerar a castração como fundamental para o desejo advém do contato do sujeito com a falta, a castração coloca o falo em seu lugar, marcando a impossibilidade de ser completo, porém abre espaço para os caminhos para buscar satisfação. Fink descreve esta relação do desejo com a falta da seguinte forma:

“Na medida em que o desejo sempre está correlacionado com a falta, o falo é o *significante da falta*. Seus deslocamentos e suas mudanças indicam o movimento da falta dentro da estrutura como um todo. Enquanto a castração se refere a uma perda primordial que coloca a estrutura em movimento, o falo é o significante dessa perda” (FINK, 1998, p. 129)

Estes caminhos para buscar uma satisfação são insuficientes, ou poderíamos considerar eficientes, pois a total satisfação aniquilaria o desejo. Quanto aos caminhos pode-se concluir que:

“ O desejo marca os caminhos para a pulsão que são caminhos de insatisfação. “Por esta razão a pulsão divide o sujeito e o desejo, desejo que não se sustenta, senão pela relação que ele desconhece, com esta divisão com um objeto que o causa. Esta é a estrutura do fantasma”: \$ v @” (BRAUNSTEIN, 2007, p.101)

O fantasma descrito por Braunstein se relaciona ao olhar materno direcionado ao sujeito em seu primeiro momento de vida, este olhar atribuído de seu

reconhecimento e acarretado de significantes dessa vivência, porém está perdido, mas não deixa de relacioná-lo aos objetos simbólicos tidos como manifestação do desejo. Miller comenta este reconhecimento:

“(...) há a satisfação exigível quanto ao desejo. Essa problemática implica a satisfação simbólica do desejo, e o reconhecimento tem o mesmo valor de satisfação para o desejo. Como se o próprio desejo fosse uma tensão que só se apaziguasse com o reconhecimento do outro” (Miller, 2005, p. 107)

A impossibilidade de ter o desejo satisfeito baseia-se no conceito de não ter um objeto específico, o que o leva a se relançar interminavelmente sem que seja satisfeito, o que caracteriza o sujeito como sempre desejante:

“(...) por sua própria insuficiência, a inexistência do objeto do desejo, e levando o sujeito a relançar interminavelmente o seu desejo *para jamais satisfazê-lo*” (ELIA, 1956, p. 150)

Pode-se considerar que esta característica de não ter objeto alvo, que sane o desejo, se relaciona diretamente ao fato de sua causa real ser impronunciável, porém possui o falo como intercorrência da falta, este dá o nome ao desejo como afirmado por Fink:

O desejo, a rigor, não tem objeto. Na sua essência, o desejo é uma busca constante por algo mais, e não há objeto passível de ser especificado que seja capaz de satisfazê-lo, em outras palavras, extingui-lo. O desejo está fundamentalmente preso ao *movimento* dialético de um significante para o próximo significante e é diametralmente oposto à fixação. Ele não procura satisfação, mas sua própria continuação e promoção: mais desejo, maior desejo! Ele deseja meramente continuar desejando.” (FINK, 1998, p. 116)

É válido retomar como o desejo do Outro e a demanda do Outro se relacionam com o objeto causa do desejo, pois nesta dinâmica é possível enxergar que o desejo possui os resquícios maternos através dos significantes:

“ O que causa desejo na criança é o desejo do Outro, não a demanda do Outro, nem mesmo o desejo do Outro por esta ou aquela coisa ou pessoa específica. O desejo do Outro, enquanto recai sobre objetos e

“pessoas específicas, direciona o desejo da criança mas não o causa”
(FINK, 1998, p. 116)

Através da representação do sujeito no intervalo de dois significantes, como um significantes para outro significante, surge o objeto a que resta na operação de castração, surge a causa do desejo, porém para além surge o objeto de gozo:

“Na relação do desejo ao desejo, algo é conservado da alienação, mas não com os mesmo elementos – não como esse S1 e esse S2, da primeira dupla de significante, de onde deduzi a fórmula da alienação do sujeito no meu penúltimo curso – mas, de uma parte, com o que é constituído a partir do recalque originário, da queda, do *Unterdrückung*, do significante binário – e, de outra parte, com o que aparece primeiro como falta no que é significado pela dupla dos significantes, no intervalo que os liga, isto é, o desejo do Outro”
(LACAN, 1964, p. 229)

Tal conceito será abordado com maior profundidade no próximo capítulo. Por hora o grafo do desejo possibilita retomar a relação dos elementos que se relacionam em torno da constituição do sujeito a partir da alienação ao Outro e formação de uma imagem:

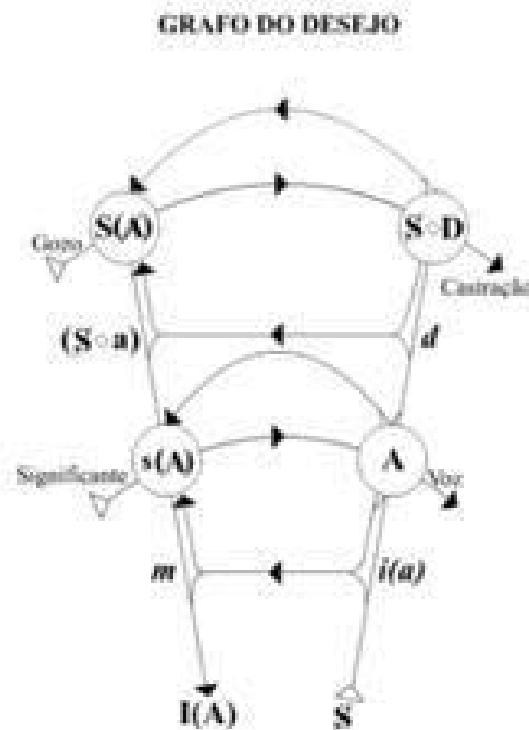


Figura 10

“O que o grafo nos propõe agora situa-se no ponto em que toda cadeia de significante se honra ao fechar sua significação. Se é preciso esperar tal efeito da enunciação inconsciente, é aqui em S (A), e há de lê-lo: significante de uma falta no Outro, inerente à sua função mesma de ser o tesouro do significante. Isso, na medida em que o Outro é solicitado (*che vuoi*) a responder pelo valor desse tesouro, isto é, a responder, certamente, de seu lugar na cadeia inferior, mas nos significante que constituem a cadeia superior, ou seja, em termos de pulsão” (LACAN, 1960, p.832-833)

Como colocado anteriormente, a pulsão é vista de uma outra maneira, para Lacan, não mais a serviço da homeostase psíquica, mas sim a serviço do objeto a:

“Quer dizer que a pulsão é uma tentativa de traduzir a necessidade em desejo e que, na direção do desejo, há uma etapa intermediária, a transmutação dos objetos da necessidade em significantes da demanda” (NOMINÉ, 1996, p. 70)

Após considerar a importância em delimitar o impacto da castração no aparecimento da Coisa, marcando sua renúncia alienado-se ao desejo materno, é necessário dizer o que insere uma segunda renúncia, como dito por Fink:

“ Nas obras de Lacan, a castração está intimamente relacionada à alienação e à separação. Como vimos, na alienação o ser falante emerge e é forçado a renunciar a alguma coisa na medida em que ele vem a ser na linguagem. A separação requer uma segunda renúncia: o prazer derivado do Outro como demanda, de moldas a demanda do Outro como o objeto na fantasia (\$ V D em vez de \$ V a), isto é, o prazer obtido das pulsões.” (FINK, 1998, p. 125)

Trieb (pulsão), enquanto atividade, se ocupa de revolver os objetos para tentar resgatar a parcela de gozo perdido. Essa perda, portanto, é irreparável, mas essa é a dialética do desejo. Isso que dá a idéia, às vezes falsa, de que existe um desenvolvimento, como se houvesse orientação genética. Essa idéia se opõe a concepção estruturalista que entende esses momentos de *Trieb*, não como fases, mas como um biológico subvertido pela entrada no simbólico.

Considerando o objeto a como objeto inominável por não apresentar significante que o represente por sua natureza do real. Relembremos Freud no tocante ao posicionamento das pulsões diante deste, segundo Brausntein:

“Em outras palavras, não resta senão “pulsionar”, criando assim um novo verbo, que falta à língua portuguesa para traduzir *treiben* da língua alemã, sem faltar com sua íntima conexão com o *Trieb* de Freud. *Pulsionar* em relação a uma propulsão, com uma força que estimula, indomada e indomável, sempre para frente, saltando por cima das alegrias (*Erde Freuden*) terrenas, dos prazeres, característica do espírito de Frausto no discurso de Mefistófeles que serviu Freud para definir a pulsão.” (BRAUNSTEIN, 2007, p. 294)

Acerca da produção de Freud, temos o posicionamento das pulsões como força motriz psíquica que o autor coloca como simbolismo do resquício do objeto da primeira relação objetual que se perde no recalque, porém Lacan a desenvolve de outra forma:

“A pulsão em Freud, conceito limite entre o psíquico e o somático, é transcrita na problemática de Lacan também como conceito limite entre o simbólico e o imaginário. Como cadeia, para ele a pulsão será articulada ao simbólico, ao passo que sua satisfação é de ordem imaginário” (Miller, 2005, p. 103)

Neste sentido, a pulsão não é perversa e polimorfa como na psiquiatria, ou algo que converge para a procriação como pensava Freud, mas que toda pulsão é parcial e tem como meta contornar o objeto e voltar a sua origem. Toda pulsão surge da relação do sujeito com a cultura, da marca da falta decorrente da entrada no simbólico, a qual decorre da constatação de que o simbólico não dá conta de tudo. Assim, nunca atinge sua meta, ou seja, a falta renasce sempre. Cai, portanto, por terra toda função normatizadora, já que todos os objetos são inadequados por não se configurarem como resolução da função pulsional.

“(...) a pulsão pertence ao simbólico, uma vez que é articulada, não sendo, de modo algum, tal como Freud a apresenta, um impulso global impreciso. Ela é uma cadeia suscetível de inversão, de conversão, de substituições de pleno exercício, e ao um nível sofisticado de cadeia significante, já que nela implicamos nada menos que a gramática. Portanto, em razão de todos esses traços, a pulsão pertence ao simbólico.” (Miller, 2005, p. 106)

A introdução da criança na unidade simbólica ocorre, como descrito por Freud, na brincadeira do Fort-Da, esta brincadeira é utilizada por Lacan para

descrever a dinâmica ausência-presença em que se estabelecem os primeiros significantes das idas e vindas da mãe, este momento marca a conservação da mãe mesmo quando ausente, descrito por Lacan como morte da coisa, pois ao atribuir um significante é capaz de preservar sua presença mesmo quando ausente. Lacan descreve esta brincadeira como um exercício de dominação:

“ O que a criança pede à mãe destina-se a estruturar para ela a relação presença-ausência demonstrada pela brincadeira original do *Fort-Da*, que é o primeiro exercício de dominação. Há sempre um certo vazio a preservar, que nada tem a ver com conteúdo, nem positivo nem negativo, da demanda. É de sua saturação total que surge a perturbação em que se manifesta a angústia” (LACAN, 1962-1963, p.76)

Esta dominação permite a criança a dominação, pois torna-se capaz de se relacionar com o objeto, mesmo em sua ausência, através da presença do significante que a represente, por isso dizer que é a introdução da ordem simbólica e que isto representa a morte da coisa, pois não existe mais objeto real, uma vez que este passou pela significação atribuída pela criança e esta começa a esboçar sua transformação em sujeito da linguagem, pois ao determinar que o objeto é representado através de um significante para ele marca o lugar onde irá se inscrever o objeto causa do desejo.

“O jogo com que a criança se exercita em fazer desaparecer de sua vida, para nela reintroduzir e depois tornar a obliterar um objeto, aliás indiferente por sua natureza, mas que modula essa alternância com sílabas distintas, essa brincadeira, diríamos, esse jogo manifesta em seus traços radicais a determinação que o animal humano recebe da ordem simbólica” (LACAN, 1953, p. 51)

O jogo do Fort-Da só é possível quando a mãe se faz ausente e pode ser representada em sua ausência, quando se mantém presente o tempo inteiro temos o que é dito por Lacan como sendo a mãe fazer a criança gozar sem demandar, na ausência de demanda a mãe se faz presente o tempo todo, algo que na verdade torna-se objeto da angústia da criança, por ser a proximidade com o objeto a, que ainda não se instituiu antes da castração. Dita como objeto da angústia, a presença constante não permite que a criança se relacione com a mãe no nível simbólico,

garantindo sua presença na ausência, por este motivo Lacan descreve que a ausência é o que garante a presença, pois ao atribuir a esta falta um significante, quando o objeto está ausente, gera o domínio do real com a supremacia simbólica:

“Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. A prova disso é que a criança se compraz em renovar esse jogo da presença-ausência. A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela, especialmente a lhe limpar o ânus, modelo da demanda, da demanda que não pode falhar” (LACAN, 1962-1963, p.64)

Através da capacidade de atribuir significantes para o objetos ausentes, a criança começa a se desenhar no campo do desejo, pela via da linguagem, por torna-se capaz de relacionar objetos parciais ao falo que marca a falta, o que inicia sua busca em torno do objeto a, aquele que quando o desejo mãe foi barrado se instituiu como inominável e como o que caiu na substituição realizada pelo Nome-do-Pai, pois este enquanto inominável não poderá ter um significante que o represente senão enquanto o que falta. Este inominável relaciona-se ao gozo do Outro, porque diz respeito ao momento em que a criança estava no lugar da falta da mãe, sendo para esta o falo, sem que haja espaço para que o objeto a cause o desejo alienando o sujeito ao Outro, Braunstein demonstra como através desta Coisa perdida, objeto a, o sujeito irá se relacionar aos objetos passíveis de significantes:

“Por ser a Coisa aquilo que falta, os objetos do mundo aparecem e se multiplicam, os falantes, pela via da linguagem, dão-se um mundo, entram no mercado do gozo com o Outro. Pela expulsão original se constituem como sujeito em sua divisão que é, agora, divisão entre a Coisa e os objetos (inclusive o eu, seguindo como sempre Freud, que considerou o eu um objeto particular sobre o qual recaía uma classe particular de investimentos, os narcísicos). Os objetos, todos, são derivados da perda, seus sucedâneos, seus representantes fantasmáticos” (BRAUSNTEIN, 2007, p.80-81)

Estes objetos, representantes fantasmáticos, se relacionam ao valor atribuído à criança pela mãe, no início de sua formação, Estádio do Espelho, pois este constitui o fantasma, aquilo que a mãe criou de expectativa em torno de sua constituição para que correspondesse ao seu Desejo, aquilo que efetivamente a mãe projetava na criança quando a enxergava. Com o desejo materno barrado esta imagem é perdida, mas continua a se manifestar através destes objetos, eles a circulam através do movimento pulsional que é movido pelo significante fálico que demonstrar aquilo que o sujeito não tem e por este motivo o constitui como desejante, na formação do sujeito da linguagem o objeto a apenas pode ser contornado por ser da ordem do real e não poder responder a dinâmica simbólica a qual o sujeito pertence agora, como descrito por Braunstein:

“No buraco central do toro, encontramos-nos com a Coisa como real que acha-se significante no Falo simbólico, enquanto na alma do toro temos esse incessante girar em torno do objeto @, real, perdido retroativamente a partir das voltas em seu redor. O significante que polariza essa busca é o falo como parte faltante à imagem desejada, um significante imaginário que para o sujeito apenas pode presentificar-se com o signo da negação, da castração que o faz desejante e que faz do @ a causa do desejo.” (BRAUNSTEIN, 2007, p. 88)

Na passagem da criança de alienada ao Outro até alienada à linguagem a mãe se apresenta desde o início como um sujeito da linguagem, isto significa dizer que a criança desde seu nascimento, até antes mesmo de seu corpo biológico, encontra-se inserida nesta elipse representativa do contorno do objeto a através do movimento pulsional movido pela ausência do falo representado simbolicamente. Este reconhecimento ilustra como foi possível a criança relacionar-se ao falo simbólico se colocando no lugar deste no desejo da mãe, assim considerar que esta alienada à mãe é inseri-la na elipse materna sem que esta constitua a sua, como relatado por Elia, ao considerar o Campo do Outro como via de acesso ao mar da linguagem:

“O investimento pulsional do Outro no sujeito se faz, portanto associado aos elementos da linguagem. Uma criança humana nasce imersa num mar de linguagem, mar que é, aqui, um dos nomes do campo do Outro que a investirá.” (ELIA, 1956:1995, p.101)

Assim, mãe é quem introduz a criança no campo do Outro e ao gozo do Outro porque a mãe extrai disso algum gozo, por ter a criança “preenchendo” o lugar de sua falta. Enquanto pequeno outro, ela encarna o lugar do grande Outro. Isto ocorre porque há a transmutação da necessidade em pulsão, isto é, a subversão do instinto. Aí se encontram o simbólico e o gozo perdido (ordem do real). Esse gozo que a mãe extrai ao cuidar do seu bebê vem da inexistência no grande Outro de um significante que represente a mulher (“mulher não existe”).

A transformação da necessidade em demanda faz, como dito anteriormente, a decodificação simbólica das necessidade biológica da criança em algo além de ser simplesmente alimentado ou aquecido, isto porque estabelece a demanda de amor, de reconhecimento. Esta demanda surge na relação entre a criança e a mãe, a falta da mãe, porém ao se reconhecer em falta percebe que não pode ser completa, deparando-se com a falta do falo simbólico que a remete aos objetos, assim o que resta da demanda de amor se converte para a busca de objetos parciais, Miller descreve este retorno como pulsão, fazendo o percurso desde a alienação ao Outro até a falta simbólica:

“Do desejo de reconhecimento ao desejo do falo, há uma báscula, uma vez que o desejo de reconhecimento é, antes de tudo, relação de um sujeito a outro sujeito do qual é esperada satisfação de ordem simbólica, sua fala; ao passo que o desejo do falo é introduzido a partir da relação e objeto” (Miller, 2005, p.109)

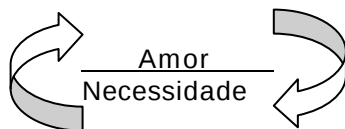


Figura 11 - Pulsão⁴

Por considerar que é nesta relação com o Outro que se estabelece as relações que se seguirão pode-se dizer que tudo se define nesses momentos iniciais da relação com o outro, ao que Freud chamou de Complexo de Édipo. Lacan se refere ao Édipo como estrutura da relação com o outro, por considerar que a criança se relaciona com a estrutura que forma o Outro, sendo para esta atribuída de

⁴ MILLER, 2005, p.113

significantes que foram fornecidos pelo Outro do Outro. Assim Lacan descreve a importância do Édipo no desejo e alienação do sujeito à linguagem:

“O mito de Édipo não quer dizer nada senão isto: na origem, o desejo, como desejo do pai, e a lei são uma e a mesma coisa. A relação da lei com o desejo é tão estreita que somente a função da lei traça o caminho do desejo. O desejo, como desejo pela mãe, é idêntico à função da lei. É na medida em que proíbe esse desejo que a lei impõe o desejá-la, pois, afinal, a mãe não é, em si mesma, o objeto mais desejável. Se tudo se organiza em torno do desejo pela mãe, e devemos preferir que a mulher seja outra que não a mãe, que quer dizer isso, senão que um mandamento se introduz na própria estrutura do desejo? Numa palavra, desejamos no mandamento. O mito de Édipo significa que o desejo do pai é o que cria a lei.” (LACAN, 1962-1963, p.120)

No campo da linguagem, o sujeito só pode ser representado, mas não existe um significante que represente o desejo. É no intervalo entre 2 significantes que se encontra o sujeito. Isso por causa da mínima diferença, a qual é necessariamente entre no mínimo duas coisas. Assim, o sujeito é marcado da projeção do desejo materno que por mais que seja barrado pela Lei contém em si algo que se perdeu, e isto que se perdeu foi constituído nesta relação de alienação, por estar ausente marca o buraco do que jamais poderá ser preenchido. Sobre esta constituição da ordem simbólica Lacan descreve o posicionamento da criança frente as solicitações do Outro:

“(...) a relação do sujeito com o significante, que, segundo me parece, deve ser a chave do que a doutrina freudiana introduz sobre a subjetividade: *Che vuoi?., Que quieres?*. Forcem um pouquinho mais o funcionamento, a entrada da chave, e terão *Que quer ele de mim?*[*Que me veut-Il?*], com a ambigüidade que o francês permite no *mim*[*me*] entre o complemento indireto ou direto. Não se trata apenas de *Que quer ele comigo?.,* mas também de uma interrogação em suspenso que concerne diretamente ao eu: não *Como me quer ele?.,* mas *Que quer ele a respeito deste lugar do eu?*” (LACAN, 1962-1963; 2005, p.14)

Este lugar do eu manifesta a teia de significantes do Outro materno que já está imerso na linguagem e que por isto não pode responder a demanda de amor de forma completa, pois já se constituiu como sujeito barrado e por este motivo já possui o representante de sua falta, que o impossibilita de responder as solicitações da criança de forma plena, não pode reconhecê-lo plenamente e amá-lo

plenamente, pois já tem o entendimento de que a plenitude é vedada aos sujeitos da linguagem, sobre isto Braunstein expõe a falta de possibilidade do Outro:

“(...) por meio de demandas que se repetem em direção ao Outro e que recebem deles signos, manifestações, doações, que não podem preencher o vazio aberto no gozo por ter que se tornar palavra. E não é que o Outro seja malevolente, não; é simplesmente que não tem com que responder ao que lhe é pedido, que marca por falta de um significante, que está barrado.” (BRAUNSTEIN, 2007, p.80)

No entendimento da impossibilidade do Outro de conseguir responder de forma plena a demanda de amor da criança já se manifesta a ordem simbólica marcada pelo falo, representando da falta, assim a criança como a experimentar no desejo do Outro que ele não pode lhe dar porque não o tem e não porque não quer, assim a demanda de amor não é correspondida pelo entendimento de que alguma coisa, que ainda não sabe o que está em seu lugar marcando, na verdade, a ausência de algo que causa o desejo:

“ A demanda de amor só pode padecer de um desejo cujo significante lhe é estranho. Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Assim, a divisão imanente ao desejo já se faz sentir por ser experimentada no desejo do Outro, por já se opor a que o sujeito se satisfaça em apresentar ao Outro o que ele pode ter de real que corresponda a esse falo, pois que ele tem não vale mais que o que ele não tem para sua demanda de amor que quereria que ele o fosse” (LACAN, 1958, p. 700-701)

Assim, considerando a demanda de reconhecimento, demanda de amor, como impossível de ser correspondida pelo Outro que é um sujeito barrado, Lacan caracteriza a pulsão como simbólica por ser estruturar através da colocação do falo com representante simbólico da falta, que faz com que a demanda de amor não correspondida se volte para outros objetos. Através dessa afirmação Miller articula a pulsão a alienação:

“Pelo fato de a pulsão pertencer ao simbólico, Lacan é levado a dizer, mais que a demonstrar, que as pulsões são estruturadas pelo desejo de reconhecimento, manifestam a alienação do sujeito no desejo do outro” (Miller, 1944: 2005, p.106)

Pela colocação do falo em sua ordem simbólica como aquilo que caracteriza a impossibilidade da mãe de responder plenamente as solicitações da criança e a entrada da metáfora paterna que impede pela interdição a correspondência ao Desejo materno, o sujeito entra em contato com sua própria falta e por já pertencer o acesso a significantes atribui a ele o valor de falo simbólico. Nesta relação perde-se o objeto *a*, aquilo que não pode ser inserido na ordem simbólica e ainda se encontra preso a alienação inicial ao Outro, é este fantasma que marca o movimento pulsional de cada sujeito, por isto considera-se que chegar ao seu entendimento é fundamental em uma análise:

“Para ter acesso a esse ponto, situado para-além da redução dos ideais da pessoa, é como o objeto *a* do desejo, como aquele que ele foi para o Outro em sua ereção de vivente, como o *wanted* ou o *unwanted* de sua vinda ao mundo, que o sujeito é chamado a renascer para saber se quer aquilo que deseja...É esse tipo de verdade que, com a invenção da análise, Freud trouxe à luz” (LACAN, 1901-1981, p.689)

Além da comprovação de que o Outro não pode corresponder a demanda de amor como gostaria possibilitar a comprovação da falta do Outro, esta também permite a transmissão da falta que além de situar o falo em seu devido lugar, etapa final do Complexo de Édipo, propicia a retirada do Outro do lugar de único provedor de significantes, pois passa a reconhecê-lo como inconsistente, Lacan relaciona esta retirada à construção do desejo da seguinte forma:

“Assim, se o desejo encontra seu ponto de ancoragem no Outro, é só na medida em que este ponto indica aquilo que, no Outro, é falta. O desejo não é uma consistência provinda do Outro, não é uma mensagem, não é um significante, não é dito, nem uma palavra, nem um afeto, e nem mesmo um querer. O desejo é a transmissão da falta do Outro para o sujeito, constituindo-se, contudo, como a dimensão mais singular e própria do sujeito, já que, enquanto *furo*, no Outro, o desejo permite ao sujeito ultrapassar o que seriam as *mensagens* do Outro, seus ditos, ditames, ditados. Determinado simbolicamente pelo Outro, isto é, por sua cadeia de significantes, o sujeito as ultrapassa precisamente porque o Outro é inconsistente, incompleto, falta-lhe o “significante” que o completaria, tornando-o conjunto fechado. O desejo ancora-se precisamente no ponto em que, no Outro, há falta” (ELIA, 1956, p.146-147)

A transmissão da falta com o reconhecimento da inconsistência do Outro permite que o desejo do sujeito se ancore no desejo do Outro, precisamente na

falta do Outro, porém a constituição da rede significantes, anterior ao reconhecimento da falta, com as decodificações das necessidades constrói no sujeito os possíveis trajetos para seguir no caminho do desejo, porém a forma subjetiva como irá utilizar estas possibilidades trata-se de sua subjetividade, como podemos ver no trecho a seguir:

“ Com efeito, é muito simplesmente – e diremos em que sentido – como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma, porém, antes de mais nada, somente guardando uma opacidade subjetiva, para representar nele a necessidade” (LACAN, 1960, p. 828)

Nesta rede de significantes situamos a transformações, desempenhada pelo Outro, do grito da necessidade em demanda, sendo esta a função materna. Através da articulação da necessidade ao sujeito formula a pergunta e a resposta. Ao entrar no campo do desejo ou se relacionar com os significantes não apontamos para uma relação passiva do sujeito, como mero receptor desses conteúdo, pelo contrário, justamente o reconhecimento da falta faz com que o sujeito utilize os significantes como instrumentos em busca de seu desejo. Esta articulação dos significantes com o desejo através desses significantes marca a nova alienação, sendo esta do sujeito em relação à linguagem, esta se manifesta também na constituição do corpo imaginário.

O isolamento do conceito do corpo biológico não ocorreu na obra lacaniana, este o estudou em sua relação com os primeiros esboços da construção da idéia de um corpo, da imagem de um corpo, até sua inscrição no organismo vivo. Esta imagem do corpo imaginário surge, assim como o desejo, do contato da criança com o Outro:

“O corpo é, então, objeto de investimento do Outro, e deverá ser assumido pelo sujeito, já que, entre ambos, nenhuma relação de co-naturalidade existe: não vieram juntos, (sujeito e corpo), ao mundo, não se articulam por nenhuma espécie de afinidade natural. Há que haver uma operação, ou, para utilizar uma expressão de Freud, uma ação psíquica, para que o corpo seja assumido pelo sujeito.” (ELIA, 1956, p.103)

Na operação simbólica em que o sujeito mata o objeto ao lhe atribuir um significante, surge o entendimento de que nem tudo que é do sujeito pode ser representado, o que escapa da representação Lacan chamou de real, porém o corpo não situa-se na ordem do real, mas o corpo é do imaginário – “O eu é formado a partir da imagem do corpo” (estádio do espelho). É um tecido de representações no qual o sujeito encontra a função de seus órgãos e, por isso, há a possibilidade de distorção da imagem, pois o que agrupa essas funções é a linguagem, propriamente a ordem simbólica inserida pelo Outro. Assim a imagem projetada é expositora do desejo no Outro:

“ É por isso mesmo que, refletindo no espelho, ele não fornece apenas a', o padrão da troca, a moeda pela qual o desejo do outro entra no circuito dos transitivismos do Eu Ideal. Ele é restituído ao campo do Outro na função de expositor do desejo no Outro” (LACAN, 1960, p. 689)

No investimento do Outro na formação imaginária do corpo da criança, Lacan situa o termo pulsão. Este surge como o conceito psicanalítico para explicar a ligação entre organismo, corpo e sujeito. É a transformação da necessidade produzida pela demanda, através da ação do Outro. O corpo orgânico é investido pulsionalmente pelo Outro que inscreve este submetido aos significantes, à linguagem, desconstrói o entendimento da criança munida de um corpo orgânico, esta passa a ter o conjunto de significantes que formam sua unidade corporal imaginária, como descrito por Elia:

“No ato em que o corpo é pulsionalmente investido pelo Outro, ele se desconstitui enquanto corpo orgânico, esvazia-se, por assim dizer, de seus órgãos. Isto significa que o corpo natural, o corpo como costumamos pensá-lo, está perdido, está perdido para o sujeito, desde que “seu” corpo é objeto da pulsão” (ELIA, 1956, p.103)

Esta construção imaginária que o Outro faz do corpo da criança constitui o fantasma, esse fantasma pode ser definido como aquilo que se espera do lugar em que a criança foi inserida no Complexo familiar, as expectativas em torno de seu nascimento e sua inserção no campo do Outro, esse fantasma é o que o sujeito perde ao ter o desejo da mãe substituído pelo Nome-do-Pai, o perde por não poder significá-lo, porém o ato de pulsionar, delimitado por Braunstein, irá contornar este

fantasma. Em relação a isto Braunstein relaciona o conceito de sintoma em torno do que delimita sobre o fantasma, com ação das pulsões:

“Pulsionar, empurrar, reanimar a busca além do fantasma em que os objetos @, como elementos imaginários do fantasma, vêm enganar o sujeito, recobrando o condenado lugar da Coisa, sustentando aí a isca das representações e dos ideais? Nesse fantasma, formação imaginária, ramo da árvore narcísica do eu quando não é o próprio eu sob a forma de um *self*, “si mesmo”, o que é fantasma, nesse fantasma, nesse ramo, se sustenta o sintoma.” (BRAUNSTEIN, 2007, p. 296)

O sintoma se liga a este conteúdo inconsciente que não foi traduzido à significante, porém faz parte do sujeito. Esta participação se dá através da determinação enquanto instância real. É a herança do Outro que resta na constituição do sujeito após a castração. A ligação do fantasma, conteúdo inconsciente ao corpo, através do sintoma dá voz aquilo que não pode ser alienado à linguagem. Nominé relaciona o real do gozo ao corpo imaginário, intermediado pela ação da ordem simbólica da seguinte forma:

“No sintoma, o sentido inconsciente se amarra ao corpo, logo, o corpo, de certo modo, fala. Isso é possível já que a própria língua se amarra ao corpo através do aparelho que ela proporciona para seu gozo. Por fim, o inconsciente supõe que a língua simbólica se amarre ao corpo imaginário através do real de seu gozo” (NOMINÉ, 1996, p. 76)

Capítulo III – “A Lei do Sujeito é a Lei da Linguagem” – E o que fugiu a Linguagem – Compulsão Alimentar e Gozo

Pela dificuldade de encontrar uma conceituação psicológica para a Compulsão Alimentar irei utilizar o critério diagnóstico para delimitar características sintomáticas deste quadro. Compreende-se aqui Compulsão Alimentar como um quadro médico fechado de um transtorno alimentar, não sendo utilizado como um sintoma que constitui outros quadros como por exemplo: bulimia ou obesidade.

Critério diagnóstico:

- A. Episódios recorrentes de compulsão alimentar, que apresentam duas características:
- B. Ingestão em curto período de tempo (mais ou menos duas horas), de uma quantidade de comida nitidamente maior do que a maioria das pessoas pode consumir em um período semelhante e em circunstâncias idênticas.
- C. Sensação de perda de controle sobre a ingestão durante o episódio (Sentimento de que não pode parar de comer ou controlar o que ou quanto está comendo)
- D. Os episódios de ingestão compulsiva estão associados com três (ou mais) dos seguintes sintomas:
- E. Comer muito mais rápido do que o habitual
- F. Comer até se sentir inconfortavelmente cheio
- G. Comer grandes quantidades de comida apesar de não sentir fome
- H. Comer sozinho para esconder sua voracidade
- I. Sentir-se desgostoso consigo próprio, deprimido ou muito culpabilizado depois da ingestão compulsiva.
- J. Profundo mal-estar em relação às ingestões compulsivas.
- K. As ingestões compulsivas ocorrem em média dois dias por semana durante seus meses.
- L. A ingestão compulsiva não se associa as estratégias compensatórias inadequadas (por exemplo, purgantes, jejum, exercício físico excessivo) e

não ocorre exclusivamente durante o decurso de anorexia ou bulimia nervosa.

Tendo em vista a Compulsão Alimentar como um ato do sujeito que perde o controle na ingestão de alimento e sente-se culpado posteriormente tratarei esta manifestação à luz da teoria lacaniana, lembrando que em alguns aspectos este autor faz uma releitura da obra de Freud.

“É muito comum que os analistas associem os quadros de obesidade a situações alimentares concretas que teriam ocorrido na mais tenra infância, na qual o bebê, lançado no desamparo ao nascer, sofreria vicissitudes do cuidado pelo outro. Isso seria uma leitura ingênua dessa problemática, pois todo ser humano é lançado ao desamparo e sofre os percalços da função alimentar na própria relação com aquele que dele se ocupa” (LEMOS, 2005, p. 58)

Considerar que o corpo é antes de mais nada imaginário propicia o entendimento dessa demanda que não sacia, pois não é o corpo biológico que sente fome, pois não se trata da necessidade, nem de um organismo que pede por algo que possa ser saciado, mas de um sujeito barrado que não sacia sua demanda primordial, demanda de amor.

Esta demanda se direciona para além do objeto comida, não é mais alimentar-se daquilo que ingere, mas ir além do que se apresenta em sua frente. O ato que anteriormente era direcionado para a necessidade de se alimentar, após a passagem para o campo da linguagem e a articulação com o desejo, mantém-se articulado a demanda de satisfação que não é vista como saciedade.

O assunto foi tratado por Freud (1926) como uma manifestação do medo de morrer, porém não detalhou tal relação que justificasse essa afirmação, até mesmo porque, durante muitos anos o assunto não foi visto como patológico até que se tornou um problema de saúde pública, pois atrelado à obesidade, desencadeia vários outros quadros que inviabilizam uma vida saudável.

Esta consequência final da compulsão alimentar é apontada como causa da procura por tratamentos por sujeitos com compulsão alimentar. A procura, em sua maioria, é focada em perda de peso, pois ao reter o alimento ingerido de forma compulsiva o ganho de peso acaba por compor o sintoma.

Este corpo que se altera na manifestação do sintoma não representa o biológico, pois mesmo Freud ao estudar as conversões histéricas concluiu ser este o corpo pulsional. Neste contexto o corpo se dava na manifestação do circuito pulsional que para ele seria a ligação entre o corpo e psiquismo.

Para Lacan, este corpo é circunscrito pela linguagem. O corpo existe mesmo antes do corpo biológico, pois este na verdade sofre a inscrição do campo do Outro, dos significantes do outro, que o formam. Como apontado por Soler (2006), no momento em que se constitui o campo desejante a cerca da vinda desta criança para ser membro de uma família cria-se uma rede de significantes em torno de quem virá a ser este sujeito, começam a ser direcionados os anseios e expectativas em torno de sua constituição, desta forma este corpo antes de ser biológico já é alvo do investimento pulsional do Outro, que posteriormente torna-se participante de sua unidade corporal e fonte de significantes para suas necessidades.

Sua relação com a pulsão registra suas marcas, sendo a forma de guardar as memórias dos significantes que o formaram. Sobre isso Lemos afirma:

“O corpo é pulsão, ele registra e não esquece. Ele reúne marcas e inscrições de relações afetivas, como a relação mãe e filho, suas frustrações e satisfações.” (LE MOS, 2005 p. 81)

Nas relações estabelecidas existe a diferenciação entre necessidade e demanda, dentro desta diferenciação Lacan marca o local do desejo, sendo um algo além da demanda. Por este motivo, Lacan vai para além do auto-erotismo ao desenvolver o Édipo, pois alimentar-se não seria apenas a fase oral, em que o seio serve como elo entre os dois na relação objetal, esta relação não se revela apenas

entre os dois, ela é marcada pela primazia do falo, marcando o caráter simbólico dos objetos.

Ao colocar o falo como marcador das relações, Lacan complementa a análise de que a compulsão alimentar seria a busca incessante do seio perdido ou a busca do amor materno direcionado a ela no momento da amamentação. Esta mãe agora é o Outro materno que possui a função de oferecer à criança a rede de significantes, assim o próprio alimento não é mais o alimento da ordem do real.

No estágio do espelho fica ressaltada a importância da introjeção de uma figura amorosa e a identificação com o outro projetado. Este outro é incorporado com a imagem psíquica a não elaboração psíquica resultaria em uma dificuldade de lidar com o primeiro narcisismo.

Existe uma luta para deformar as formas femininas no corpo, pois o feminino aparece como traumático, sendo o corpo a marca do vazio, assim, o ato aparece como recusa, como gozo, partindo para o real do corpo.

A relação com o outro fica sustentada em ser requerida pelo outro, a busca de amor com alienação em S1 após se constituir como sujeito barrado, preenchendo a angústia que a separação do objeto a lhe causou, porém enquanto sujeito barrado, essa aproximação causa uma angústia maior por se aproximar do aniquilamento do desejo do sujeito, como se este ainda buscasse corresponder ao desejo da mãe.

O outro amado é perdido e o traço unário, o prolongamento do corpo imaginário. Lacan resgata esse conceito do traço único de Freud. Este relaciona-se ao nome próprio, a partir do qual o sujeito se identifica com um lugar, entrando na conta enquanto -1. Então, o que pode ser um traço unário é o nome do sujeito, traço este que o sujeito busca para se encontrar, este é usado para falar da repetição, enquanto algo da neurose e também enquanto algo que o sujeito se identifica.

O traço unário é a relação mínima eu-objeto, segundo Freud (1920): “A identificação é a forma mais primitiva de apego ao objeto”. Este traço único: tem o valor de uma assinatura, onde pode ser lida, para o sujeito, alguma coisa da sua identidade; está necessariamente articulada com um objeto, que em virtude de seu apagamento por intermédio da marcação do traço, conta através de sua ausência.

Este processo “originário” é incontornável, uma vez que mostra que o sujeito é obrigado a passar por um outro sujeito, para se singularizar. Isto coloca em jogo o próprio surgimento do sujeito, na medida em que só a diferença de si mesmo, inscrito pelo traço, é capaz de engendrar um possível em relação à noção de identidade. O traço unário é , portanto, o significante não de uma presença, mas de uma ausência apagada. Introduzindo uma relação de exclusão em uma relação de inclusão.

Nessa medida, o sujeito como tal, segundo Lacan, é menos um, sendo por isso que a cadeia significante recobre para ele uma estrutura de estrutura . A passagem do real impossível ao simbólico se funda necessariamente sobre uma negatividade.

Assim, o traço unário representa que alguma coisa é contada ao sujeito antes que ele se ponha a contar. Mais ainda, a questão do sujeito falante repousa originalmente em um erro de conta.

O objeto a é destacável, e uma parte do corpo que não pertence mais ao sujeito nem ao outro. Ao se destacar, o objeto faz buraco, a pulsão faz contorno dele, mas o lugar permanece esburacado e a falta jamais poderá ser preenchido por qualquer objeto que seja.

O pedaço do corpo perdido de corpo é que vai atuar como causa da repetição, e é nesse lugar que o sujeito vai colocar significantes ou fantasmas. O fantasma aparece como uma montagem sobre outra montagem, que é a pulsão. Ele se

organiza em torno do objeto a comprometendo as relações entre o sujeito do inconsciente e o sujeito do desejo.

A compulsão alimentar demonstra formações do objeto a, não significantes, mas por meio de objetos. O gozo desse corpo está se cumprindo pelo fantasma, não pelo sintoma.

A persistência da necessidade de alimentação não deve ser vista como uma relação de onipotência materna, mas a falta dela, que sinaliza a necessidade de capturar o outro. A dor não falicizada provoca uma falha na fantasmática.

“O ponto nodal dessa relação é o falo, elemento resgatado da teoria freudiana que recupera seu valor simbólico na teoria de Lacan para além do suporte material que adquire no corpo (o pênis). O falo é tomado por Lacan em sua função significante, ou seja, uma função reguladora e normatizadora da sexualidade, relacionada, em última análise, à própria construção do sintoma” (LEMOS, 2005, p. 63)

A fome, o ato de comer, não é erotizado, na compulsão alimentar, a necessidade se solda a satisfação, não realizando o desejo articulado à castração, mas sim a demanda de satisfação. Assim, a compulsão alimentar corresponde ao funcionamento em que o corpo permanece referido a um tempo originário no qual a satisfação pulsional é marcada por sua impossibilidade lógica.

Podemos entender a compulsão alimentar como sendo uma manifestação de gozo, pela perda do controle, pela angústia da aproximação ao objeto a, a tentativa de negar a falta aniquilando o desejo e a falta de implicabilidade do sujeito, para tanto o conceito de gozo será descrito para que tal relação possa ser constituída.

O gozo é a substância negativa que o sujeito encontra como fundamentalmente o que lhe falta. Nos momentos em que o sujeito se vê próximo do gozo, ele se confronta com a possibilidade de destituição do subjetivo. A não falta ameaça o sujeito e o desejo. O sentimento que vem com a ameaça da subjetividade é a angustia, a qual sinaliza um perigo. E o objeto da angustia é o

objeto a, objeto ausente, objeto causa do desejo. A causalidade significativa do gozo vai produzir diferentes modalidades de emergência de gozo no campo do sujeito. Assim, após ter contato com a Lei, que funciona como barreira para o gozo, porém é ela que o coloca o gozo como ameaça ao desejo, pois anteriormente a ela este era considerado como inerente ao indivíduo. Sobre isto, Fink afirma:

“ O gozo existe por causa do significativo e à medida que o significativo não o detenha e o submeta à sua norma que é a norma fálica. A linguagem é o que funciona como barreira a um gozo que não existiria sem ela.” (FINK, 1998, p.77)

A castração, a interdição do desejo da mãe e a proibição do incesto coloca os limites para este gozo que é ganha significativa justamente pelo contato do sujeito com a linguagem, porém é esta passagem que condensa o gozo, limitando o ao gozo da linguagem, ao gozo submetido à função fálica, sendo este o único possível, porém isto não o coloca fora da oposição ao desejo. Fink afirma que a castração sinaliza os caminhos para o gozo, porém os proíbe, buscando manter por intermédio da Lei o sujeito no caminho de seu desejo:

“A castração signifca que o gozo, estando perdido, deve ser significado, definido, cercado, evocado com o entretecido de fios significantes que desenham seus reservatórios.estagnam-no, acumulam-no, evitam sua dispersão. A castração é um condensador do gozo que o torna subjetivável, subjetivo e, ao mesmo tempo, estranho, extimo; vetoriza-o, canaliza-o, assinala-lhe e lhe proíbe caminhos” (FINK, 1998, p. 145-146)

Lacan, ressalta a importância de não considerar que a pulsão é vitoriosa em sua busca por satisfação através da manifestação de gozo, pois a própria definição de pulsão visa um movimento contínuo que por nunca se saciar se mantém ativo. Sobre o fracasso da pulsão pode-se dizer que:

“A pulsão não é pois, algo que se satisfaz e dá acesso ao gozo, mas sim, essencialmente, uma aspiração de gozo que fracassa por ter que reconhecer o Outro e pagar-lhe com a quota “gozosa” que ele exige a título de aluguel pela residência que oferece. Em seu fundamento a pulsão é destrutiva e não apaziguável.” (FINK, 1998, p.66)

Quando a falta ameaça se apagar (encontro do sujeito com a objeto a: objeto causa do desejo) – isso seria o apagamento do desejo e, conseqüentemente, o apagamento do sujeito. A angústia sinaliza essa ameaça de destruição pela proximidade do objeto.

“O gozo rechaçado volta por seus foros, insiste. É o fundamento da compulsão à repetição. O perdido não é o esquecido; mais ainda, é o fundamento mesmo da memória, de uma memória inconsciente que está além da erosão, de um desejo infinito de recuperação que se manifesta em outros discursos, o do inconsciente, o da cadeia da enunciação que corre subterrânea e que alimenta e perturba a cadeia do enunciado.” (FINK, 1998, p. 58)

A função do objeto a como recuperação parcial da perda do gozo, de fragmentos, é o mais-de-gozar. Lacan relaciona essa idéia com a mais-valia de Marx (reapropriação de um quantum de dinheiro capitalista). É através da definição da influência do objeto a na delimitação desta porção de gozo a mais que pode se entender o que a queda deste objeto causa, por mais que determine este objeto como impossível de ser resgatado, marca também o ato de abdicar de seu gozo ao alienar-se à linguagem:

“O sujeito apenas chegará a existir como uma conseqüência da ação do Outro da linguagem sobre essa carne que se fará corpo na medida em que acolha os cortes que a linguagem faz no fluxo vital. O corpo se tornará mapa, pergaminho em que se escreverá a letra que com sangue entra. Um corpo é humano ao se incluir nesse sistema de transcrições que trocam o gozo pela palavra” (FINK, 1998, p.72)

Assim, considerando o gozo como algo “natural” à criança que é vedada posteriormente pela barreira da Lei, considera-se que o sujeito não tem a idade do organismo, mas a idade do seu gozo, o que se refere ao tempo de exploração da estrutura do qual o indivíduo dispôs. A criança, nesse sentido, pode ser considerada inocente em relação ao seu gozo até que se realize o parricídio, a partir do qual lida-se com as conseqüências do Édipo. É através desta demonstração de inocência que se pode perceber que inicialmente o Outro faz a criança gozar sem demandar:

“O gozo do ser tem outra inscrição, é inefável, está fora do simbólico, em uma atribuição imaginária que fazemos inventando-o como se fosse o gozo do Outro, de um Outro devastador que, por falta de

inscrição do nome-do-Pai (forclusão), reaparece no real. Fica entendido que não é o Outro que goza, que há somente gozo de um que goza atribuindo um gozo do Outro que o tomará como seu objeto” (FINK, 1998, p.106-107)

O gozo do Outro (J (A)) é o gozo originário, diz respeito à coisa (*das Ding*). Deve-se entender aqui A (outro) no sentido em que se trata do corpo próprio. Só tem sentido falar dele retroativamente, pela incidência do S1 que barra seu acesso ao sujeito.

O gozo fálico (J (l)) é o gozo da linguagem. É o gozo que resulta de sua codificação pelo significante e assume a significação fálica no Complexo de Édipo. Necessariamente relacionada a questão da castração, e remete à questão da falta e da fantasia de completude. Assim, Fink delimita a seguinte definição sobre o gozo fálico:

“ O gozo fálico inscreve-se na articulação do real, do que resta da Coisa, uma vez que se deslocou o desejo, e o simbólico, que pode compor-se por meio da colocação em palavras do gozo ordenado pelo significante. Entre um Outro e o outro, o sujeito deve se inscrever.” (FINK, 1998, p.106)

O mais-de-gozar é relacionado ao objeto pequeno a. Este objeto é produzido pela operação significativa, escapando, ao mesmo tempo, ao seu domínio. Por isto ele comporta um resto de gozo ($\$ \diamond a$). Este resto de gozo determinado pela mais-valia, coloca o sujeito como submetido a uma porção de gozo após a castração, porém este mais-de-gozar é tido como o lucro do Outro em cima do trabalho do sujeito que detém o mesmo “salário” destinado a ele, trabalhando em prol do enriquecimento do Outro.

O gozo feminino será especificado por estar “mais além do falo” e ser suplementar, nada deve ao processo de significação. Esta especificidade que possibilita a mulher de acessar um outro modo de gozo através da estrutura construída em sua relação com a função fálica:

“(...) o gozo fálico, gozo ligado à palavra, efeito da castração que espera e se consome em qualquer falante, gozo linguageiro, semiótico, fora do corpo, é a tesoura que separa e opõe dois gozo corporais

distintos, deixados fora da linguagem, que eram, de um lado, o *gozo do ser*, gozo perdido pela castração, mítico e ligado à psicose e, de outro, o *gozo do Outro*, também corporal, que não foi perdido pela castração, mas que emergia além dela, efeito da passagem pela linguagem, mas fora dela, inefável e inexplicável, que é o gozo feminino.” (FINK, 1998, p.133)

O gozo é algo extremamente perigoso para o sujeito, é sentido como ameaçador e causa sofrimento, ate mesmo para o perverso que quer fazer o outro gozar/sofrer. Já o prazer se relaciona com a castração no sujeito civilizado, e causa mal-estar. Por isso, há a busca de um mais alem que tem em si um risco. fantasia do gozo é o desejo de não desejar, ou seja, deixar de ser sujeito (morte). O desejo sempre se envolve a falta/insuficiência, sendo angustiante.

O prazer é sempre temporal e o “gozo da natureza” é eterno. Não existe sujeito não situado na ordem do tempo, tendo como seu horizonte a morte.No gozo pleno não há desejo, então deve-se buscar tirar o sujeito dessa fantasia, da qual, quando fora, quer e busca retornar.

“A palavra tira o gozo do corpo e se encarrega de dar corpo ao gozo, outro corpo, um corpo de discurso. Este processo nunca é nem completo nem pacífico e ficam as formações do inconsciente como memoriais da tradução impossível, como emergência do gozo que não convém” (FINK, 1998, p.74)

Sobre estas formações inconscientes que relembram esta retirada de gozo do corpo por intervenção da linguagem, que não mais permite que o sujeito venha a ferir o Nome-do-Pai submetendo-se à linguagem e o exemplo trabalhado por Lacan, a bolsa ou a vida, em que o sujeito entrega a bolsa, aliena-se a linguagem, para não perder a vida, continuar desejando, pode-se afirmar que mesmo ao entregar a bolsa o sujeito jamais consegue perdoar e esquecer de forma completa a ação do ladrão.

Capítulo IV – O inominável feminino

Nos capítulos anteriores a constituição do sujeito foi traçada à luz da alienação da criança ao Outro materno para posteriormente, a partir da metáfora paterna junto com os tempos lógicos do Édipo, construir um campo de entendimento do ato de comer excessivo.

Até este momento a criança em sua constituição não foi descrita como mulher ou homem, tratando este conceito sem a diferenciação sexual. Até mesmo a mãe e o pai foram vistos como metáfora paterna e Outro materno, ou seja, não se trata do pai e da mãe real, mas a análise voltou-se para a compreensão da formação da criança descrevendo a função desempenhada por cada um na constituição deste novo sujeito.

Para conseguir distinguir este novo sujeito como feminino duas ressalvas são importantes: a diferenciação entre mulher e mãe e o impacto da anatomia na constituição de um sujeito feminino.

Miller (1998) em seu texto “ A criança entre a mãe e a mulher” aponta para o diferencial que existe entre o conceito de mãe e de mulher. O autor aponta que a mãe e a mulher não detém a mesma fundamentação teórica, como já apontava Freud uma mulher com um filho torna-se fálica. Assim, diz que só é possível a mãe não ser mulher, constituindo o sujeito dividido.

Desta forma, além da mãe não deter o significante que determina o que é uma mulher, pois este não existe, também não poderia atender as solicitações de sua filha por não se situar frente a maternidade na posição de mulher, dividindo-se entre sua relação com o homem e sua relação com a filha.

Naveau (2001) ao retomar o texto de Miller aprofunda a discussão sobre este onde estaria situada a criança frente a está mãe que é mulher, porém só pode ser mãe se não for mulher. Aponta para o fato da criança definir além de um sujeito

dividido, um desejo dividido, esta afirmação proporciona o entendimento de não ser a maternidade uma delimitação ou uma solução para as questões do feminino, sendo esta uma manifestação fálica do ser mulher sem que esta esteja na posição de sujeito com sexuação feminina frente a maternidade.

Lacan ao abordar o tema do feminino diferencia-se de Freud e dos pós-freudianos, por não lidar com assunto a partir da diferenciação anatômica dos sexos, fazendo a diferenciação da mulher biológica e do sujeito feminino.

A mulher para Lacan não é delimitada pelo seu corpo biológico ou aparato genital, mas sim por sua passagem no Complexo de Édipo e seu posicionamento diante da primazia do falo.

A diferenciação da mulher estudada por Freud e a estudada por Lacan se dá através da inserção teórica de novos campos. Lacan define a primazia do falo como algo que está além da diferenciação anatômica ou a presença do pênis, sendo ele um significante situado no estatuto do simbólico. É neste ponto que se afasta da produção de Freud, que contemplava a mulher como aquela que não tinha o pênis e para tanto se posicionava com inveja deste, logo restava a esta a definição como aquela que não tinha, definindo-se pela dicotomia ter ou não ter o pênis.

Com a definição do falo enquanto marca simbólica da falta e objeto nome do desejo, Lacan amplia a dicotomia para ser ou ter o falo. Prates (2001) ao abordar a questão da feminilidade na experiência psicanalítica demonstra este novo ganho teórico quando se trata de estudar aquela que até então era vista por sua ausência. Para a autora o ganho não se dá apenas em conseguir explicar a mulher sem o reflexo da anatomia, mas na delimitação de um ponto em comum no desenvolvimento de homens e mulher, o falo, este marca o campo simbólico, diante do qual existirá o posicionamento de cada um dos dois. Definir o falo enquanto significante simbólico insere as três instâncias presentes na formação do sujeito: Simbólico, Imaginário e Real.

A mulher (enquanto sujeito que assume a posição feminina) é o sujeito que tem relação direta com essa parte que falta ao sujeito masculino. Na posição masculina, o sujeito tem uma interdição ao gozo, só havendo gozo fálico/regrado/ordenado pelo social. Do lado feminino, Lacan coloca que não existe a não castrada e, por isso, não toda mulher é castrada, ou seja, ela não é toda castrada, tendo algum acesso a uma parcela de gozo não ordenado pela via do falo.(figura 11)

Isto significa dizer que do lado da sexuação masculina existe o Pai da Horda, herdado da obra Totem e Tabu de Freud, como marca da metáfora paterna, sendo a definição de existe ao menos um homem que não está submetido a ordem fálica, a ordem da castração. Do lado da sexuação feminina defini-se que não existe uma mulher que não esteja submetida à castração, assim não existe A mulher.

Para entender esta última afirmação Prates (2001) propõe uma revisão do conceito aristotélico que influenciou a obra lacaniana, baseada no conceito tanto dos tempos lógicos, como a influência da lógica na constituição do sujeito, abandonando a idéia da cronologia ou desenvolvimentista que englobava a produção dos pós freudianos.

Esta herança parte do pressuposto teórico da lógica que para delimitar uma regra necessita de uma exceção que a contraponha e a delimite como algo que fugiu a regra, sendo assim, definir que existe um homem que não está submetido a castração, a ordem fálica, determina que temos uma exceção a lógica da castração, algo que não ocorre na sexuação feminina, para tanto existe a definição do não-toda, a partir da dupla negativa de que não existe uma mulher que não esteja submetida a castração, o que difere de afirmar que todas as mulheres estão submetidas a castração, assim não-toda mulher está relacionada a ordem fálica como normatizadora de seu gozo.

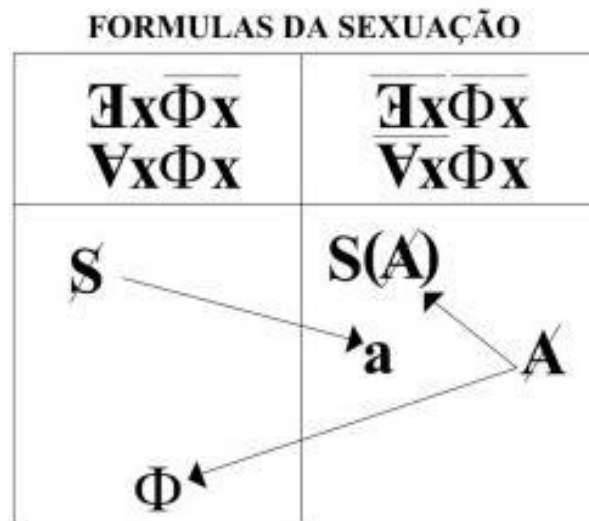


Figura 11- Matema da Sexuação

Partindo do pressuposto que o sexo, a sexuação, é definido separadamente com relação a um terceiro termo. Lacan afirma que não há relação entre os dois, pois estes somente se relacionam e se diferenciam em relação à função fálica.

O homem é totalmente alienado a linguagem, assujeitados à castração simbólica e completamente determinados pela função fálica. Assim, o homem é limitado e finito em relação ao registro simbólico, pois existe uma lei que o determina como conjunto fechado. A limitação do homem advém do pai e do tabu do incesto, pois o desejo do homem nunca vai além do desejo incestuoso, que não pode se realizar.

A limitação do homem se deve ao S1, que institui a ordem simbólica, o “Não” do pai, “*le nom du père*”, este significante é responsável pelo recalque originário representado pela instituição inconsciente e de um lugar para o objeto neurótico.

As mulheres são definidas como não sendo totalmente circunscritas à função fálica, embora alienadas não é totalmente assujeitada a ordem simbólica. A função fálica existe e atua para a mulher, porém não reina de modo absoluto. Desta forma, a mulher não se coloca em relação ao falo como um conjunto fechado ou totalmente limitado.

O prazer da mulher é determinado em parte pelo significante. As mulheres podem experimentar tanto o gozo fálico, quanto um outro tipo de gozo, que é o gozo do Outro, não se trata de uma determinação, mas de uma possibilidade estrutural. Essa afirmação visa a possibilidade de que a mulher acesse o gozo do Outro, mas o que não significa determinar que esta necessariamente o acesse, ela possui o acesso, mas não imperativamente o utiliza.

Este gozo do Outro, este O maiúsculo indica a ligação do gozo do Outro com o significante, ligado a S1 e não S2, determina um não, um limite para o homem, para a mulher ele funciona como um “aliado” para a mulher, pois permite que a mulher ultrapasse as fronteiras estabelecidas pela linguagem e a insignificância de prazer que a linguagem permite.

O homem é completamente determinado pela castração simbólica, isto é, cada pedaço dele recai sob o domínio do significante. A outra parte é onde a exceção é colocada, a função do Pai. É considerado todo pois assume algo que o delimita, assim há uma fronteira para o seu conjunto. Segundo Fink (1998) *“É na oposição com o “branco” e com todas as outras cores que a palavra “preto” ganha sentido.”* Considera-se que não há uma declaração universal que possa senão ser controlada através da existência que a nega.

O masculino sem o pai não teria forma, pois é o pai da horda, aquele que nega a castração e coloca-se como exceção à função fálica, que dá limite e o constitui como conjunto fechado, pois este é o que não sucumbiu a castração e supostamente controla cada mulher, não está sujeito a lei, ele é sua própria lei. Esse pai mítico engloba todas as mulheres na mesma categoria, acessíveis. A castração com o efeito da proibição do incesto algumas mulheres inacessíveis, as mulheres que para eles estão interditadas. Para os homens submetidos à castração, as mulheres acessíveis ganham o atributo de não interditadas.

O pai da horda é o único que pode gozar das mulheres em si, os outros devem se resignar a gozar de seus parceiros, o objeto a. Assim, só o pai mítico

pode ter uma relação verdadeira com uma mulher. O conceito da posição sexuada que o sujeito toma em relação ao falo é definido, portanto, por ambas as fórmulas de sexuação masculinas. Existindo uma que o determina como todo castrado e outra que determina um que recusa a castração. Assim, os desejos incestuosos mantêm-se para sempre no inconsciente do sujeito masculino. Apesar da castração, continua a ter sonhos incestuosos nos quais concede a si mesmo os privilégios do pai imaginário que encontra prazer e desconhece limites.

No ponto feminino, nem toda a mulher é definida pela função fálica, nem tudo da mulher está sujeito à lei do significante. Não é possível encontrar nem ao menos uma mulher para quem a função fálica seja inoperante, portanto cada mulher é pelo menos em um ponto determinada pela função fálica, pois uma função fálica totalmente inoperante resultaria na estrutura psicótica.

Existe uma parte da mulher que rejeita a função fálica, porém dizer que alguma coisa que diz não a função fálica está, entretanto, sujeita a ela, situada dentro da ordem simbólica, pois existir é ter lugar dentro do registro simbólico.

Lacan nunca afirma que a instância feminina postulada como indo além do falo existe, ele mantém a alteridade radical do falo na relação com o logos, com a ordem simbólica, conforme estruturada pelo significante do desejo. Postula que a mulher não é menos completa, são menos todas em termos da função fálica, não são mais “ não definidas” exceto em relação a função fálica.

As mulheres formam um par com o falo e também um trio com o significante da falta ou do furo no Outro. Não é a falta diretamente relacionada ao desejo, aquela que resulta da ordem fálica, pois desta forma este trio também estaria relacionado à função fálica, porém é o significante $\$(A)$, considerado o significante do desejo do Outro. Lacan descreve este significante no seminário XX de forma mais detalhada, colocando com o significante da primeira perda, a perda que ocorre com a entrada no simbólico, sendo a perda em $S1$, a perda real. Porém completa que o real é justamente algo que não possui um significante que o represente,

desta forma traça o significante em torno deste resquício de real fruto do primeiro recalque, ele marca um lugar.

Pelo contato com o Real e ausência de uma mulher que contraponha a regra, não existindo uma exceção a castração que coloque limite ao circuito feminino, deixando-o aberto, não existe significante que determine a mulher, por isto que Lacan afirma que esta não existe, A mulher. O homem está sempre assujeitado à um significante, enquanto a mulher nem sempre está o que difere da afirmativa de que as vezes ela foge a essa representação.

Lacan não diz que as mulheres não têm identidade sexual própria, não as define como homens aos quais falta algo, ao postular a sexuação delimita dois pontos que constroem a identidade sexual: as identificação que definem o eu, com um ou ambos os pais, respondendo por um nível de identidade sexual imaginária e o posicionamento frente a função fálica, por vezes estes dois pontos entram em conflito. Isto ocorre pois a identidade sexual pode envolver uma gama de combinações, identificações englobando traços de diversas pessoas.

Pommier(1985) pontua que a questão do feminino torna-se complexa no sentido do “Re-tornar-se mulher”, pois a menina volta a reivindicar ao Outro o significante que não obteve através de sua alienação à linguagem pela ação da função paterna, as insígnias fálicas não instrumentalizam esta menina para o contato com seu posicionamento frente ao gozo. Ao mesmo tempo, não possui em sua relação com a função fálica algo que lhe ponha limites e portanto delimite o que é ser mulher, o modelo do pai da horda não possui um equivalente feminino.

Desta forma, o homem é regrado e só funciona pela via do pai e do falo. Já a mulher não. Uma mulher encarnando para o homem o “a”, puxa o desejo do homem para a paternidade/*père-version*: : Homem → Mulher.
\$ a

Assumindo posição masculina e dirigindo seu desejo a uma mulher, o sujeito se dirige a *père-version*. Barrando sua divisão por meio do significante homem, dirige seu desejo a uma mulher barrando o objeto a. Esse processo continuamente tenta se realizar como forma de recuperar as parcelas de gozo perdido, mas nunca se realiza completamente.

Desejar uma mulher é colocá-la como seu sintoma. Ela encarna para o homem uma falta que também é dela enquanto sujeito falante, ou seja, sujeito masculino e nesse sentida, a *père-version* viabiliza a *mère-version* e interdita a *mère-version* (viabiliza o filho que a mulher vai colocar no lugar de falo, mas introduz uma limitação na relação dela como o filho). Função do pai no Édipo é duplamente interditora; para o filho: “Não dormirás com sua mãe”; para a mãe: “não reintegrarás seu produto”. Ou seja, o falo é o limite entre o gozo fálico e o gozo feminino, o que Lacan representa como o outro castrado por faltar o significante da diferença sexual: A.

A relação sexual seria fazer Um através do amor, por isso, não existe, pois há a distância entre o sujeito e seu desejo. A mãe dirige seu desejo para o filho, tenta viabilizar via significante o que ela é como mãe. Não há relação sexual porque não há significante que represente a mulher no Outro, apenas um que represente a mãe:

<u>Homem</u>	→	<u>Mulher</u>	A	:	<u>Mãe</u>	→	<u>Filho</u>
\$		a			\$		a

Logo, não existe relação sexual.

A mãe suficientemente boa, para Lacan, é mulher. A *père-version*, interrompe a *mère-version*, isto é, o pai entra no meio da identificação da mãe com sua condição materna. Não basta que ela veicule a autoridade do Nome-do-Pai, mas também que os cuidados que ela dedica ao filho não a desvie de seus desejos enquanto mulher.

O parceiro sexual é um meio de recuperar um pouco do gozo perdido ao falar (gozo não pode se recuperar totalmente). O gozo pleno não é possível por causa da própria vida em sociedade. “O gozo é interditado ao ser falante”.

Sujeito é representado pelo significante (no intervalo entre 2 significantes) enquanto barrado/dividido e também um resto que o significante não representa. :

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a}$$

Enquanto representado pelo significante no discurso do mestre, o sujeito é sempre masculino, ou seja, conforme Freud, a libido é sempre masculina e está em relação metonímica com o objeto a. isto é, relação de deslizamento de um significante para outro; relação mediada pelo significante/pela cadeia de linguagem.

Considerações finais

Após discorrer sobre os conceitos que participam da constituição do sujeito, é possível perceber a importância das modificações propostas por Lacan ao que foi estudado por Freud. Essas contribuições, inicialmente, podem ser vistas como a possibilidade de explicar o sujeito à luz das influências da antropologia, sociologia, lingüística, filosofia.

O impacto destas correntes na produção psicanalítica proporcionou à Lacan instrumentos para desenvolver pontos obscuros na produção freudiana, muito desses pontos se deram a partir da distorção dos conceitos de Freud por seus seguidores, os ditos pós freudianos. Outros pontos eram produtos da utilização da biologia para olhar para o objeto de estudo da psicanálise: o ser humano.

Este ser humano ganhou na obra lacaniana atributo de sujeito a partir do pensamento cartesiano “Penso, logo existo”, dito de outra forma “Cogito, ergo sum”. Tal pensamento possibilitou que Lacan olhasse para o sujeito a partir do sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, aquele que diz e aquele que encontra-se no dizer. Nisto desenvolve o indivíduo como sujeito da linguagem, sem ser determinista, esta passagem se dá a partir do Complexo de Édipo em que ao final existe a alienação do sujeito à linguagem.

O Complexo de Édipo ganha o atributo de tempos lógicos, este olhar foge de uma visão desenvolvimentista, como natural ao ser humano e determinado pela cronologia de cada tempo. O que marca o desenrolar do falo na estrutura do sujeito, de forma que para cada nova etapa seja necessário que a etapa anterior tenha ocorrido, mas sem ser presa ao desenvolvimento ou evolução de indivíduo, mas constituição de uma estrutura, de um sujeito.

O estruturalismo, presente na obra de Lacan, permite estudar o sujeito a partir de suas relações, tendo em vista que a estrutura é fruto de uma relação, assim delimita que no Édipo não se trata da mãe ou pai reais, mas da função

materna e paterna, pensando em sua relação com a criança. A delimitação destas funções se dá em torno de seu impacto na constituição do sujeito e não através do parentesco.

Lacan acrescenta que em uma relação entre Outro materno e criança nunca se trata de uma relação dual, mas de uma relação que tem a participação do falo.

O falo, lembrando a influência da lingüística, recebe a conceituação de significante da falta, Lacan abandona a referência freudiana a uma questão anatômica que diferenciaria homem e mulher através de sua presença. Colocando este como ponto nodal na constituição do sujeito, por pensar este como aquele por não estar presente determina a não completude humana e o lança ao desejo.

Este desejo também é fruto da articulação do falo no Complexo de Édipo, pois é na relação com o Outro que a criança tem sua necessidade decodificada em demanda, quando as solicitações direcionadas à mãe são respondidas de forma a ganharem um significante: fome, frio, sono.

Na passagem da necessidade para demanda existe algo que não pode ser saciado, pois não se trata mais de pedir algo que o Outro possa dar, na verdade é a solicitação de algo que ele não pode dar. Isto que sobra da operação necessidade e demanda transforma-se em desejo, porém esta transformação não diz respeito apenas a relação da criança com o Outro.

O desejo surge da intervenção da função paterna na relação entre a criança com o Outro, com a constatação da mãe estar em falta e não poder lhe dar aquilo que solicita reivindica do pai aquilo que percebe estar em falta na mãe. O Nome-do-Pai surge interditando o Desejo Materno, impossibilitando o Outro de reintegrar seu produto e proibindo o incesto, desta forma atua por intermédio do Complexo de Castração, delimita o sujeito como ser faltante e em troca lhe oferece o acesso aos significantes de modo a ter de forma metonímica metafórica aquilo que foi perdido nesta proibição.

Na substituição do Desejo Materno pelo Nome-do-Pai algo é perdido, este algo é nomeado por Lacan como “objeto *a*”, nomeia a ausência do objeto, pois enquanto objeto real não possui um significante que possa o representar. É em torno deste objeto que circulam as pulsões, elas giram no impulso de contornar este objeto faltante sendo a propulsão do desejo. Assim, o objeto *a* é a causa do desejo e o falo o nome do desejo, pois é a ausência do objeto *a* que joga o sujeito no campo desejante e o falo é o que marca a falta que possibilita o desejo.

Neste contexto de constituição do sujeito, Lacan situa o conceito de sexuação, este vai além do sexo biológico, trata-se do posicionamento do sujeito frente ao gozo fálico, o gozo permitido aos sujeitos que se encontram alienados à e na linguagem. Além do posicionamento frente a este gozo, acrescenta que frente a castração o menino solicita do pai o que a mãe não pôde lhe dar, este lhe oferece as insígnias fálicas bem como possibilita a identidade sexuada, porém a mulher retorna a mãe e esta não pode lhe dar o significante do feminino, pois não existe significante que determine A mulher.

Diante da ausência deste significante a mulher não possui a restrição que lhe dá apenas acesso ao gozo fálico, tendo uma possibilidade estrutural de acessar um gozo a mais. Isto significa dizer que através da definição lógica, que para existir uma regra é necessário que exista uma exceção, quando se trata da sexuação masculina a existência do pai da horda, como aquele que não se encontra submetido à castração colocada limite aos outros homens, pois enquanto para o pai mítico não existe mulher inacessível, para os outros as mulheres dividem-se em interditadas e não interditadas. Esta exceção não ocorre na sexuação feminina, não existe ao menos uma mulher que não esteja submetida à castração, assim não-toda a mulher está submetida à função fálica. Trata-se de um conjunto aberto, ilimitado. Ao criar este conceito, Lacan amplia a dicotomia fálica de ter e não ter o falo, desenvolvida por Freud, para ter e ser o falo. O homem, sujeito com sexuação masculina, estaria do lado daquele que tem o falo, pois existe ao menos um homem que não está submetido à função fálica, enquanto a mulher posiciona-se do lado

daquela a quem resta ser o falo, pois não existe ao menos uma mulher que não esteja submetida à castração, desta forma, a mulher buscaria sua feminilidade através da escolha de um homem, colocando-a como seu sintoma.

Considera-se que a mulher situa-se no lugar de sintoma do homem, pois apenas o pai da horda é capaz de se relacionar realmente com uma mulher, para todos os outros homens resta apenas se relacionar com seus parceiros, o a, porque toda a relação seria mediada pela função fálica, não se trata de uma relação direta de homem e mulher. Desta forma, a mulher entra na relação com o homem por influência de seu objeto a.

Ao estudar a Compulsão Alimentar, como ato excessivo de ingestão de alimentos, pode-se afirmar que não se trata de uma fome, da ordem da necessidade, mas esta necessidade inicial de ser alimentado se solda a demanda de satisfação, onde a criança solicita o que acredita que a mãe pode lhe dar, desta forma o desejo não estaria articulado a lógica da castração em que o sujeito reconhece o Outro como castrado e lida com sua falta através da pulsão sem tamponar o objeto a, lançando-se novamente no caminho do desejo. No ato excessivo de ingestão de alimentos o desejo encontra-se articulado a demanda de satisfação que possui a impossibilidade lógica de ser satisfeito.

Por este motivo se diz que este sintoma demonstra a impotência materna, a impotência diante de sua própria impossibilidade de responder a esta demanda de satisfação de forma plena. Assim come-se afeto, ingere-se amor, obturando a falta que impossibilita a satisfação plena, por isto considera-se a compulsão alimentar como uma demonstração de gozo. Este gozo se manifesta na tentativa de obturar a falta, de obter a satisfação plena através de um objeto que é eleito tentando negar o desejo.

Colocando a compulsão alimentar ligado ao feminino, pensando em uma mulher com este sintoma, pode-se dizer que a ausência de significante que a determine e a impotência materna de doar um significante que diga para esta

menina o que é ser mulher, por não deter este significante, pode resultar em uma negação desta feminilidade através da fixação em um gozo fálico como tentativa de não entrar em contato com a possibilidade estrutural do feminino de acessar um outro gozo.

Bibliografia

APPOLINÁRIO, J.C., COUTINHO W., POVOA L.C. O Transtorno do comer compulsivo no consultório endocrinológico: comunicação preliminar. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, São Paulo, n.44, p.46-69, 1995.

BORGES, M. B. *Estudo do transtorno da compulsão alimentar periódica em população de obesos e sua associação com depressão e alexitimia*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de São Paulo.

BRAUNSTEIN, N. Gozo. São Paulo: Escuta, 2007

COUTINHO W. *Estudo da compulsão alimentar periódica em pacientes que procuram tratamento médico para emagrecer*. São Paulo, 2000. Tese (Livre Docência em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de São Paulo.

DSM-IV-TR. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

ELIA, L. (1956) *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

FARIA, M.R. *Constituição do sujeito e estrutura familiar: O complexo de Édipo de Freud a Lacan* – Taubaté – São Paulo: Cabral Editora e Livraria universitária, 2003.

FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD,(1905) Três ensaios sobre a sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. VII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____, S.(1913) Totem e Tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____,(1915) Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIV. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____, (1915) A pulsão e seus destinos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIV. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____,(1920) Além do princípio do prazer. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XVIII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____,(1920) Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XVIII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____,(1924) Dissolução do Complexo de Édipo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____,(1925) Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____,(1925) Organização genital infantil uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____,(1930) Sexualidade feminina. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GARCIA – ROZA (1986) *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu, In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____, (1953) O seminário sobre “A carta roubada”, In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

_____, (1956-1957) *O Seminário, Livro 4: As relações de objeto*. Texto estabelecido por Jacques-Allain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____, (1957-1958) *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*. Texto estabelecido por Jacques-Allain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____, (1958) A significação do falo In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

_____, (1960) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache, In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____, (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo, In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____, (1962-1963) *O Seminário, Livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Allain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, (1964) *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Allain Miller - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

_____, (1972-1973) *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Allain Miller .Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEMONS, I. Bulimia e anorexia: patologias da falta e do excesso. *Mental*, Barbacena, v.3, n.5, p.81-89, nov.2005.

MILLER, J.-A. *Silêncio: Os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 21, 1998.

NAPOLITANO, M.A.; HEAD, S.; BABYAK, M.A. et al.- Binge eating disorder and night eating syndrome: psychological and behavioral characteristics. *International Journal Eating Disorder*, n.30, p. 193-203, 2001.

NAVEAU, P. A criança entre a mulher e a mãe. *Revista Curinga*, Belo Horizonte, n.34, p. 132-156, 2001.

PRATES, A. L. *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo: Hacker Editores: Fapesp, 2001.

POMMIER, G. *A exceção feminina: os impasses do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SMITH, D.E.; MARCUS, M.D.; LEWIS, C.E. et al.- Prevalence of binge eating disorder, obesity, and depression in a biracial cohort of young adults. *Annals Behavior*, n. 20, p. 227-32, 1998.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, *Los ensamblajes del cuerpo*. Medellín (Colômbia): Apótemas, 2006.